

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL

Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

**WEBSITE ESTÂNCIA E FORTE SANTA TECLA – PATRIMÔNIO,
EDUCAÇÃO E TURISMO**

Santa Maria, RS
2019

Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

**WEBSITE ESTÂNCIA E FORTE SANTA TECLA – PATRIMÔNIO,
EDUCAÇÃO E TURISMO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), na área de História e Patrimônio Cultural, linha de pesquisa em História e Patrimônio Cultural, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Orientador: Prof. Dr. Julio Ricardo Quevedo dos Santos

Santa Maria, RS
2019

Pinheiro, Ivan Cesar dos Santos
Website Estância e Forte Santa Tecla - patrimônio,
educação e turismo / Ivan Cesar dos Santos Pinheiro.-
2019.
78 p.; 30 cm

Orientador: Júlio Ricardo Quevedo dos Santos
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Patrimônio Cultural, RS, 2019

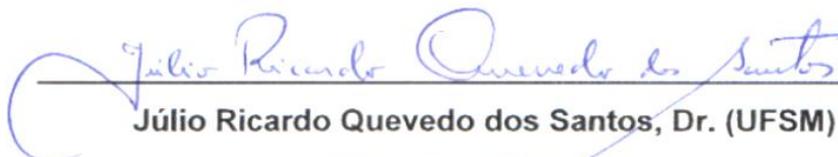
1. Website Estancia e Forte Santa Tecla 2.
Assentamentos fortificados 3. Sítios arqueológicos
militares 4. Povoamento 5. Missões Jesuíticas I. Santos,
Júlio Ricardo Quevedo dos II. Título.

Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

**WEBSITE ESTÂNCIA E FORTE SANTA TECLA – PATRIMÔNIO, EDUCAÇÃO E
TURISMO**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação Profissional em Patrimônio Cultural da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), na área de História e Patrimônio Cultural, linha de pesquisa em História e Patrimônio Cultural, como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Patrimônio Cultural**.

Aprovado em 16 de julho de 2019:



Júlio Ricardo Quevedo dos Santos, Dr. (UFSM)
(Presidente/Orientador)



Julia Silveira Matos, Dra. (FURG)



Maria Medianeira Padoin, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a minha família, em especial minha mãe que sempre acredita e incentiva todos os projetos e demais escolhas que resolvo tomar em minha vida, como este mestrado e esta dissertação que dedico também a minha avó materna Jaci Mattos dos Santos, que em 2018 completam onze anos que não está mais entre nós, incansável na minha criação e de minha irmã.

Em segundo lugar agradeço ao meu orientador, Julio Quevedo, que sempre acreditou em mim e no meu potencial, sendo um verdadeiro pai ao acompanhar e orientar todos os passos que dei dentro da Universidade.

As professoras Maria Medianeira Padoin e Júlia Silveira Matos por aceitarem fazer parte da banca de avaliação desta dissertação e pelas orientações e ensinamentos valiosos.

RESUMO

WEBSITE ESTÂNCIA E FORTE SANTA TECLA – PATRIMÔNIO, EDUCAÇÃO E TURISMO

Autor: Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

Orientador: Prof. Dr. Julio Ricardo Quevedo dos Santos

O presente trabalho aborda a criação do website www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio para armazenar documentos, materiais acadêmicos e didáticos, mapas e outras ferramentas que facilitem o acesso e a pesquisa, de forma gratuita, da história da Estância e do Forte de Santa Tecla e seu contexto, que envolve um possível Silo Jesuítico ou Caleira, contexto esse localizado no município de Bagé-RS, facilitando seu reconhecimento como patrimônio, a educação e o turismo. Foram também realizadas pesquisas no intuito de descrever aspectos da história e da estrutura da Estância, posto avançado de São Miguel das Missões, e do Forte, recuperando-se a história e memória do sítio e do material que foi lá encontrado e o que ainda está desaparecido, desde as pesquisas realizadas nos anos 1970. Com isso, buscamos também compreender, sistematizar e lançar um olhar sobre questões que permanecem abertas há mais de um século entre os pesquisadores da região, através da análise de documentação histórica e pesquisas no local.

Palavras-chave: Website Estancia e Forte Santa Tecla. Assentamentos fortificados. Sítios arqueológicos militares. Povoamento. Missões Jesuíticas. História da Região do Prata.

ABSTRACT

WEBSITE OF SANTA TECLA STATION AND FORT – PATRIMONY, EDUCATION AND TURISM

Author: Ivan Cesar dos Santos Pinheiro
Leader: Dr. Julio Ricardo Quevedo dos Santos

The present work deals with the creation of the website www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio to store documents, academic and didactic materials, maps and other tools that facilitate the free access and research of the history of the farm and fort of Santa Tecla and its context, which involves a possible Jesuit silo or lime source, a context that is located in the municipality of Bagé-RS, facilitating its recognition as patrimony, education and tourism. Research was also carried out in order to describe aspects of the history and structure of the farma, outpost of São Miguel das Missões, and fort, recovering the history and memory of the archaeological site and the material that was found there and what is still there we have also sought to understand, systematize and look at issues that have remained open for more than a century among researchers in the region, through the analysis of historical documentation and research in the area.

Keywords: Website Farm and Fort of Santa Tecla. Fortified settlements. Military archeological sites. Population. Jesuit missions. History of the Silver Region.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 – Printscreen do sitio www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio	19
Imagem 2 – Printscreen da aba História e Personagens do site.....	20
Imagem 3 – Foto do artigo "Fatos que antecedem a criação de Santa Tecla"	20
Imagem 4 – Foto do artigo "Fatos que antecedem a criação de Santa Tecla"	21
Imagem 5 – Printscreen do capítulo “Os personagens” presente no site.....	22
Imagem 6 – Printscreen das páginas 34 e 35 do capítulo presente no site	22
Imagem 7 – Printscreen das páginas 36 e 37 do capítulo presente no site	23
Imagem 8 – Printscreen das páginas 38 e 39 do capítulo presente no site	23
Imagem 9 – Printscreen das páginas 40 e 41 do capítulo presente no site	24
Imagem 10 – Printscreen da página 42 do capítulo presente no site.....	24
Imagem 11 – Retrato pintado Hernandarias de Saavedra	25
Imagem 12 – Retrato pintado de Felipe II da Espanha	26
Imagem 13 – Brasão da Companhia de Jesus, idealizado por Inácio de Loyola em 1541	26
Imagem 14 – Printscreen da aba Artigos e documentos do site	28
Imagem 15 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de Pregos e pedaços de molas que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970.....	28
Imagem 16 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de dobradiças, aças de baú e solas de chinelos que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970.....	29
Imagem 17 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de um relógio de sol, madeiras de móveis e castiçal que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970.....	30
Imagem 18 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de bolas de bucha que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970	31
Imagem 19 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de ossos de animais que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970	32
Imagem 20 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de rodas e eixos de carretas que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970.....	33
Imagem 21 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de anéis de barril que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970	33
Imagem 22 – Printscreen da aba Mapas e Imagens do site	34
Imagem 23 – Printscreen da aba Vídeos do site.....	35
Imagem 24 – Foto da aba "Loja, Jogos e Materiais" presente no site.....	36
Imagem 25 – Printscreen da aba Turismo e Contato do site	37
Imagem 26 – Vista do Baluarte São Francisco no Forte Santa Tecla.....	47
Imagem 27 – Ponte de entrada do Forte Santa Tecla.....	50
Imagem 28 – Ilustração explicativa da ponte de entrada do Forte Santa Tecla.....	51
Imagem 29 – Foto do fosso ao lado oeste da ponte de entrada do Forte Santa Tecla.....	53
Imagem 30 – Açude ao lado leste do Forte Santa Tecla.....	54
Imagem 31 – Baluarte de São Miguel do Forte Santa Tecla.....	54

Imagem 32 – Baluarte de São João Batista do Forte Santa Tecla.....	55
Imagem 33 – Baluarte de São José do Forte Santa Tecla.....	56
Imagem 34 – Baluarte de São Francisco do Forte Santa Tecla.....	57
Imagem 35 – Baluarte de Santo Agostinho do Forte Santa Tecla	57
Imagem 36 – Abrigo indígena semelhante ao vestígio existente na ribanceira abaixo do Forte Santa Tecla	58
Imagem 37 – Foto do possível assentamento indígena circular na ribanceira do Forte Santa Tecla.....	59
Imagem 38 – Foto da rocha em formato de pirâmide na ribanceira do Forte Santa Tecla.....	59
Imagem 39 – Trilha de acesso a ribanceira do Forte Santa Tecla.....	60
Imagem 40 – Descida da trilha de acesso a ribanceira do Forte Santa Tecla	61
Imagem 41 – Parede rochosa com sinais de extração na ribanceira do Forte Santa Tecla	61
Imagem 42 – Rochas extraídas pelos espanhóis e nativos na ribanceira do Forte Santa Tecla	62
Imagem 43 – Mais exemplares das rochas extraídas na ribanceira do Forte Santa Tecla.....	62
Imagem 44 – Rochas maiores que teriam sido roladas ribanceira abaixo pelos portugueses no Forte Santa Tecla	63
Imagem 45 – Rochas extraídas pelos espanhóis e nativos na ribanceira do Forte Santa Tecla disponível no sítio.....	63
Imagem 46 – Rochas que seriam das fundações extraídas pelos espanhóis e nativos na ribanceira do Forte Santa Tecla.....	64
Imagem 47 – Levantamento topográfico do terreno pertencente a Prefeitura Municipal de Bagé onde encontra-se o Forte Santa Tecla.....	70
Imagem 48 – Demarcação do terreno onde encontra-se o Forte Santa Tecla em imagem de satélite	71

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Nativos nos Rio Grande do Sul entre 11 mil e 500 anos atrás e estará presente no sítio.....	39
Mapa 2 – Bacias Hidrográficas no sul do RS que estará presente no sítio.....	40
Mapa 3 – Localização do forte e da Estância de Santa Tecla em relação ao centro urbano de Bagé que estará presente no sítio.....	43

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	11
2	A ELABORAÇÃO DO WEBSITE PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DE SANTA TECLA	14
2.1	INÍCIO	19
2.2	HISTÓRIA E PERSONAGENS	19
2.2.1	Hernandarias de Saavedra	25
2.2.2	Felipe II.....	26
2.2.3	Jesuítas.....	26
2.3	ARTIGOS E DOCUMENTOS.....	27
2.3.1	Pregos e pedaços de mola	28
2.3.2	Dobradiças, Alças de baú e sola de chinelos ou sapatos	29
2.3.3	Relógio de sol, madeira de mobília e castiçal	30
2.3.4	Bola de bucha de canhão	31
2.3.5	Ossos de animais.....	32
2.3.6	Rodas e eixos de carreta	32
2.3.7	Anéis de barril	33
2.4	MAPAS E IMAGENS.....	34
2.5	VÍDEOS.....	35
2.6	LOJA, JOGOS E MATERIAIS	35
2.7	TURISMO E CONTATO	36
2.8	ESTUDO	37
3	CONHECENDO A ESTÂNCIA E O FORTE DE SANTA TECLA	38
3.1	ANTECEDENTES ATÉ A CONSTRUÇÃO DA ESTÂNCIA DE SANTA TECLA.....	38
3.2	FORTE SANTA TECLA: CONSTRUÇÃO, DETALHES E DISCUSSÕES.....	46
3.3	CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESTÂNCIA E DO FORTE COMO PATRIMÔNIO	67
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
	REFERÊNCIAS	76

1 INTRODUÇÃO

As características mais visíveis da informação histórica (entendida no sentido restrito e usual do termo) foram muitas vezes descritas. O historiador, por definição, está na impossibilidade de ele próprio constatar os fatos que estuda. Nenhum egiptólogo viu Ramsés; nenhum especialista das guerras napoleônicas ouviu o canhão de Austerlitz. Das eras que nos precederam, só poderíamos, portanto, falar segundo testemunhas. Estamos, a esse respeito, na situação do investigador que se esforça para reconstruir um crime ao qual não assistiu (BLOCH, 2001, p. 69).

Nós historiadores temos um dos papéis mais importantes na sociedade, pois, trazemos ao conhecimento das pessoas, com detalhes e o compromisso da verdade, a reconstrução de fatos que são resultado da incessante busca em diversas fontes, através de metodologias que fazem parte de nossa formação e o que nos diferenciam de pesquisadores não profissionais, que dificilmente são consultadas pela população que em muitos casos nem sequer sabem de suas existências. Somos como o padeiro que tem a função de entregar ao cliente mais exigente o pão, com todo o seu sabor, porém, precisamos revelar todo o caminho seguido até a obtenção daquele produto, com a segurança e confiança de que fizemos o melhor que pudemos, garantindo o respeito e o profissionalismo. Assim, tornamos possível analisar acontecimentos do passado para que uma sociedade inteira compreenda o seu presente e, dessa maneira, usando as experiências vividas anteriormente, consiga projetar seu futuro.

Estudar estes importantes patrimônios culturais que são a estância e o forte de Santa Tecla são tarefas difíceis dada a pequena quantidade de fontes documentais que temos à disposição para a pesquisa, principalmente no Brasil. Precisamos nos ater a poucas cartas e documentos oficiais que relatam alguns fatos relacionados a estes objetos de forma que possamos entender um pouco mais dos acontecimentos que os rodearam em seus períodos históricos diretamente ligados, onde se vão pouco mais de duzentos anos entre o final do século XVII e início do século XIX. A estância é ainda mais complicada que o forte, visto que não há registros da data de sua construção, nem como foi erguida, tampouco o que acontecia de fato lá em seu cotidiano. Já a fortaleza, que presumimos que seja cerca de cem anos mais nova que a primeira, nos dá um pouco mais de fontes escritas como cartas e documentos oficiais preservados em arquivos e museus latino-americanos como o Museu Dom Diogo de Souza, em Bagé, o Arquivo Artigas

e o Forte de Santa Tereza, no Uruguai. Também temos como importante fonte de informações os objetos encontrados em pesquisas arqueológicas nestes locais realizadas ainda nos anos 1960 e 1970 pelo arqueólogo da Universidade de Caxias do Sul, Fernando La Salvia.

Para facilitar esse processo de estudo e armazenamento do maior número de fontes possível de forma digital e acessível se pensou no produto apresentado nesta dissertação. Uma plataforma tecnológica totalmente gratuita capaz de armazenar artigos, documentos, livros e diversos outros materiais que possam ajudar os pesquisadores, docentes e discentes, além de curiosos, a ter acesso ao que precisam saber sobre a temática escolhida. Além disso interagir e trazer a participação dos interessados na sua construção, ampliação e manutenção. Ainda também possibilitar o turismo e o contato entre interessados em visitar o local e agentes de turismo, além da interação acadêmica e entre historiadores e demais curiosos.

Para tanto se criou em um domínio gratuito no sitio eletrônico chamado “wix.com”. O produto está no endereço eletrônico “www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio”. Pensou-se em um domínio gratuito para não gerar custo algum, tanto em sua confecção como em sua manutenção que inicialmente será feita pelo autor desta dissertação, mas, que posteriormente poderá ser exercido por uma equipe de pessoas interessadas em ajudar e levar este projeto adiante.

O material inicial a ser disponibilizado faz parte do acervo obtido para a escrita desta dissertação e do livro “Uma Breve História do Forte Santa Tecla” (PINHEIRO, 2015) resultante de pesquisas realizadas desde 2010. Estes materiais contem artigos, fotos, vídeos, o próprio livro que será disponibilizado na íntegra e será a base deste projeto, jogos e outros materiais didáticos, além de produtos que serão disponibilizados para a venda neste sítio eletrônico com a devida autorização de seus autores.

No primeiro capítulo desta dissertação apresentaremos o sitio eletrônico proposto como produto deste mestrado desde a sua importância que será detalhadamente explicada bem como os serviços que ele se propõe a prestar e o material que disponibilizará para seus visitantes.

Num segundo momento se apresentará os temas protagonistas deste produto: A Estância e o Forte de Santa Tecla, localizados no território do atual

município de Bagé, no Estado do Rio Grande do Sul. A Estância de Santa Tecla, possivelmente fundada entre 1680 e 1730, possui uma longa jornada que será apresentada até a sua fundação, manutenção e sobrevivência. Já o forte fundado na mesma localidade em 1774 também terá sua contextualização histórica apresentada, como se procedeu sua fundação e os motivos que levaram José Vertiz y Salcedo a ordenar sua construção. Serão explicados também os motivos que levaram os portugueses em 1776 a tomá-lo e a retomá-lo em 1801, visto que em 1778 os espanhóis o reconstruíram. A importância destes dois temas será apresentada e debatida, visto que foram determinantes para os atuais limites territoriais da fronteira do Rio Grande do Sul com o Uruguai.

O terceiro capítulo desta dissertação abordará a questão patrimonial que envolve estes dois temas. Será debatida a importância de preservar a memória da estância e do forte, bem como discutir e compreender os processos que levaram ao tombamento do forte e o que acontece neste sentido com a estância. Para tanto, será apresentado brevemente o significado de patrimônio, memória e documento, para que se entenda onde o tema abordado se encaixa efetivamente.

Após tais assuntos abordados, entraremos em nossas considerações finais no tocante a história, memória e preservação destes temas através da utilização do produto final deste mestrado.

Devemos considerar nas próximas páginas, quando citado o atual território do Rio Grande do Sul, que estamos nos referindo ao denominado, entre 1620 e 1801, Rio Grande de São Pedro. Quando mencionado o atual território do Uruguai, refere-se a Banda Oriental, como era chamado este território no período citado, o mesmo para o atual território do município de Bagé, que fazia parte do território espanhol segundo os Tratados de Tordesilhas e Madri.

2 A ELABORAÇÃO DO WEBSITE PARA A PRESERVAÇÃO DA MEMÓRIA DE SANTA TECLA

Nas próximas linhas discutiremos a criação e a importância do website "www.fortesantatecla.wixsite.com/home" para a preservação da memória da estância e do forte de Santa Tecla.

A internet, surgida no auge da Guerra Fria, mais precisamente em 1969 com o nome de ARPANET (Advanced Research Projects Agency Network), com o objetivo de interligar laboratórios e armazenar arquivos secretos de forma virtual para que os inimigos não tivessem acesso, evoluiu consideravelmente ao longo das últimas décadas. Nos anos 1980 passou a ser utilizada no meio acadêmico e revolucionou desde então as relações entre docentes e discentes no que tange a questão de materiais a serem utilizados para obtenção do conhecimento. Nos anos 1990, com a criação da *www* (world wide web), do *http* (hipertext transfer protocol) e sistemas operacionais simples de navegação como o Windows da Microsoft, a internet se popularizou, se globalizando, atingindo hoje mais de quatro bilhões de pessoas no mundo. No Brasil são mais de cento e dezesseis milhões de usuários segundo o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística).

Nosso país possui hoje cerca de 8,1 milhões de estudantes universitários e podemos afirmar sem margem de erro que 99% deles utiliza ou já utilizou a internet como fonte de pesquisa, de estudos e obtenção de livros, artigos e outros materiais disponibilizados pelos docentes ou por sites acadêmicos para aprimorar seus conhecimentos através de download. Ainda por cima houve o surgimento e fortalecimento do EaD (Ensino a Distância) que só é possível graças aos avanços da internet.

A criação da *www* e do *http* possibilitou o surgimento do que popularmente conhecemos como "site" ou "sítio eletrônico". Essa ferramenta que consiste em um conjunto de textos e imagens, criadas através de códigos de programação, que podem ser acessadas virtualmente através da internet disponíveis em um domínio (url - uniform resource locator). Estes endereços eletrônicos possibilitam que variados ramos da sociedade exponham de forma universal suas informações. São utilizados de formas variadas em diferentes propósitos como institucional (utilizado por empresas ou órgãos para se apresentar ou mostrar seu portfólio e facilitar o contato com a comunidade), informativo (como veículo de informação onde

podemos incluir também jornais e revistas online), aplicativo (podendo conter espaços para download de diferentes coisas como programas, jogos, etc., podendo estes serem inclusive utilizados no próprio site, sem necessidade de armazenamento interno), banco de dados (também chamados de nuvens, onde se pode armazenar arquivos na própria internet), comunitário (chats, fóruns, redes de relacionamento e outros tão usados nos dias de hoje), portais e tantas outras formas. Tem sido frequente também a sua utilização para a preservação da memória e do patrimônio. Diversos sites de turismo e preservação patrimonial surgiram nos últimos anos com ótimas propostas, desde a captação de recursos de forma online, até a apresentação destes bens sociais para que sua memória não se perca no tempo.

Estes dados vem ao encontro também da questão que se levanta sobre a importância da internet para o meio acadêmico e escolar como ferramenta de estudos. Ela pode ser vista como uma grande biblioteca que disponibiliza virtualmente, seja gratuitamente ou não, milhares de livros para download, o que contribui e muito para a disseminação e o estímulo a leitura que pode ser feita em computadores, tablets ou smartphones, hoje comuns nas mãos da maioria dos jovens ou disponibilizados nas escolas. Uma das consequências da leitura é também a prática da escrita que deve ser adequada nas escolas e estimulada entre nossos jovens e acadêmicos para que se desenvolva diversos fatores como o senso crítico e a capacidade de questionar e contribuir para a nossa sociedade, exercendo a cidadania plena de direitos e deveres que todos nós deveríamos ter e saber as formas de participar. Também aproxima professores de alunos através de diferentes meios de comunicação bem como com a comunidade onde todos podem ter acesso ao que é trabalhado em aula, tanto nas escolas quanto nas universidades, através de arquivos e bibliotecas digitais, cronogramas das disciplinas, leituras obrigatórias e sugestões de leitura, atividades desenvolvidas e uma gama de coisas que podem estar ao alcance dos interessados.

É de fundamental importância abordar a questão que relaciona a criação deste website com a ampliação das possibilidades de utilização desta ferramenta na educação, não só acadêmica, mas também escolar sobre a história da região. Como Éderson Gaike da Rosa afirma em sua dissertação de mestrado sobre a utilização do Youtube como fonte de pesquisa sobre o "descobrimento" do Brasil, "na época da crise na escola e da ascensão da autoridade audiovisual fragmentada, a internet tem

se imposto como uma avançada ferramenta de troca de conhecimentos e experiências para educadores e educandos, auxiliando nos processos de ensino de maneira destacada" (ROSA, 2017), ou seja, aquela distância enorme que há entre alunos e professores para com a história da Estância e do Forte de Santa Tecla, bem como a história da região e de Bagé, por consequência, pode ser bastante encurtada com essa ferramenta que será pioneira e, ao mesmo tempo, servirá de exemplo para futuras criações.

As histórias da estância e do forte de Santa Tecla são pouco conhecidas, tanto por historiadores, quanto por interessados na história pampiana, como vimos anteriormente. Mesmo aqueles que procuram saber sobre estes importantes agentes da história do Rio Grande do Sul, tanto no que se refere ao processo de ocupação da região ainda no período das Missões quando era posto avançado de São Miguel onde se criava gado e se retirava cal para as construções das reduções, quanto para o processo de delimitação do atual território do Estado que passou pelas questões que envolveram a fundação e existência do forte entre 1774 e 1801.

Sobre o tema existe apenas um único livro chamado "Uma Breve História do Forte Santa Tecla" (PINHEIRO, 2015) circulando por algumas livrarias e outros poucos artigos bastante limitados. Nos sítios eletrônicos de pesquisa as informações encontradas sobre esses temas são mínimas, bastante esparsas, escritas com poucas palavras, carentes de fontes e, às vezes, de veracidade nas informações prestadas.

Pensando nessa carência e da necessidade de divulgação de informações embasadas em fontes científicas, além de facilitar o acesso para pesquisadores e curiosos a elas surgiu a ideia de criação do sítio eletrônico "www.fortesantatecla.wixsite.com". Este será de acesso público e gratuito. Conterá com informações como a história, personagens, mapas, documentos, vídeos, imagens, loja de produtos relacionados e contato, tanto para turismo quanto para outras informações sobre o a estância e o forte de Santa Tecla, entre outras ideias que serão aprimoradas ao longo do tempo.

Através do sítio eletrônico será também possível tornar acessível todos os detalhes relacionados ao tema de forma interativa, didática e, principalmente, de fácil acesso para qualquer pessoa, podendo atingir inclusive estudantes e outros interessados conectados a rede mundial de computadores que também pesquisam sobre o assunto em qualquer localidade do mundo e sem custo algum, tanto para o

acesso quanto para a sua manutenção, pois, trata-se de um domínio totalmente gratuito.

O interessante é que todos terão acessos a fontes primárias que estarão presentes no sitio eletrônico, também. Pereira (2017) reforça esta questão:

Um dos principais problemas/objetivos apontados para o ensino de História é estimular as habilidades necessárias para que o aluno compreenda que a disciplina não é apenas decorar fatos. Com a ajuda da Educação Patrimonial os alunos conseguiriam perceber, na prática, tudo que é trabalhado e demonstrado por meio das leituras e aulas, criando possibilidades cognitivas de aprendizagem, que auxiliariam na sua formação escolar e cidadã (PEREIRA, 2017, p. 3).

E complementa:

O trabalho com fontes primárias, inclusive é recomendado nos Parâmetros Curriculares Nacionais. O contato com tais fontes pode desenvolver a análise crítica do aluno e consolidar conhecimentos que o mesmo só conseguiria pela abstração. E não há lugar mais rico de fontes primárias que o acervo de um arquivo. O professor conseguiria transportar o aluno para uma dada época e realidade e utilizar desse recurso para desenvolver seu conteúdo. Há infinitas possibilidades de uso desse acervo, não apenas para o ensino e aprendizagem da disciplina História. O uso interdisciplinar de tais acervos pode estimular outras habilidades, como espaciais e linguística (PEREIRA, 2017, p. 4).

Este website poderá proporcionar o conhecimento e o desenvolvimento da região da fronteira, impulsionando o turismo relacionado aos temas apresentados e o desenvolvimento econômico, principalmente do município de Bagé e região, onde estão localizados os sítios arqueológicos de Santa Tecla, além da propagação do conhecimento histórico, tornando esse endereço eletrônico a principal fonte de informações online destes importantes agentes históricos que envolvem o pampa americano, incluindo o Rio Grande do Sul, Paraguai, Uruguai e Argentina, envolvidos diretamente em sua trajetória.

Outra importante função deste website será a de oportunizar aos interessados um material rico e informações e ao mesmo tempo de maneira responsável e científica. Em seu artigo publicado no livro "Possibilidades de pesquisa em História", denominado "Os blogs sob o olhar do historiador", Mucelin e Oliveira atentam para a questão da responsabilidade, escrevendo:

Ao utilizarmos os blogs [e sites] como acervo, os historiadores acabam assumindo a responsabilidade quanto a identificação, manutenção e

suporte para que a análise desse material não se perca, o que invalidaria a prova e contraprova exigidos para a autenticidade dos resultados de pesquisa desenvolvida. Por isso, a necessidade de criação, disponibilização e manutenção de bancos digitais, que oportunizem o acesso da comunidade ampliada aos documentos e fontes consultados, evidências do trabalho percorrido por este profissional em seu ofício (MUCELIN; OLIVEIRA, 2017).

Podemos também considerar o produto apresentado nesta dissertação como um arquivo público digital. Sobre arquivo público, Belloto (2006) discorre:

Os arquivos públicos existem com a função precípua de recolher, custodiar, preservar e organizar fundos documentais originados na área governamental, transferindo-lhes informações de modo a servir ao administrador, ao cidadão e ao historiador. Mas, para além dessa competência, que justifica e alimenta a sua criação e desenvolvimento, cumpre-lhe ainda uma atividade que, embora secundária, é a que melhor pode desenhar os seus contornos sociais, dando-lhe projeção na comunidade, trazendo-lhe a necessária dimensão popular e cultural que reforça e mantém o seu objetivo primeiro. Trata-se de seus serviços editoriais, de difusão cultural e de assistência educativa (BELLOTO, 2006, p. 227).

Estes espaços, mesmo que em meios digitais, caracterizam um lugar de memória, que Nora aponta como:

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais. É por isso a defesa, pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória (NORA, 1993; p. 13).

Para o autor, se o objeto de estudo, no caso o produto desta dissertação, apresenta vontade de memória, ele passa a ser considerado um lugar de memória. No caso, se encaixaria na classificação feita pelo autor de “lugar funcional”, porque tem a função de alicerçar memórias coletivas e lugares simbólicos onde essa memória coletiva se expressará e se revelará.

A seguir veremos algumas das funções que estarão disponíveis no sítio eletrônico.

2.1 INÍCIO

Trata-se da página inicial que trará um resumo do seu conteúdo. Nela estarão disponíveis notícias relacionadas aos sítios, eventos, novos artigos, novos produtos, novas formas de interação e todo o tipo de novidade que envolverem a estância e o forte.

Também serão colocadas fotos em forma de slide que passarão a cada segundo seguidas de um breve histórico de Santa Tecla e uma descrição do que se trata o site em questão.

Será possível aos visitantes tecerem comentários que ficarão em modo público para que o site possa ser aprimorado ou possam compartilhar experiências, mostrando a importância desta ferramenta.

Imagem 1 – Printscreen do sitio www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

2.2 HISTÓRIA E PERSONAGENS

Nesta sessão serão disponibilizados os históricos da estância e do forte utilizando além de textos, recursos como imagens e linhas do tempo para melhor compreensão do leitor. Esse histórico deverá conter desde o processo de formação dos dois objetos de pesquisa até o seu funcionamento e posterior desativação,

chegando até o momento da fundação do município de Bagé, momento em que Dom Diogo concentra sua tropa no Forte Santa Tecla.

Também apresentará os personagens que marcaram a história de Santa Tecla e do forte, haverá uma sessão especial contendo todas as informações sobre cada um deles e solicitando mais fontes como cartas, documentos e outras que sejam capazes de aprimorar as informações prestadas pelo website.

Imagem 2 – Printscreen da aba História e Personagens do site



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/historia-e-personagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Imagem 3 – Foto do artigo "Fatos que antecedem a criação de Santa Tecla"



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/historia-e-personagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

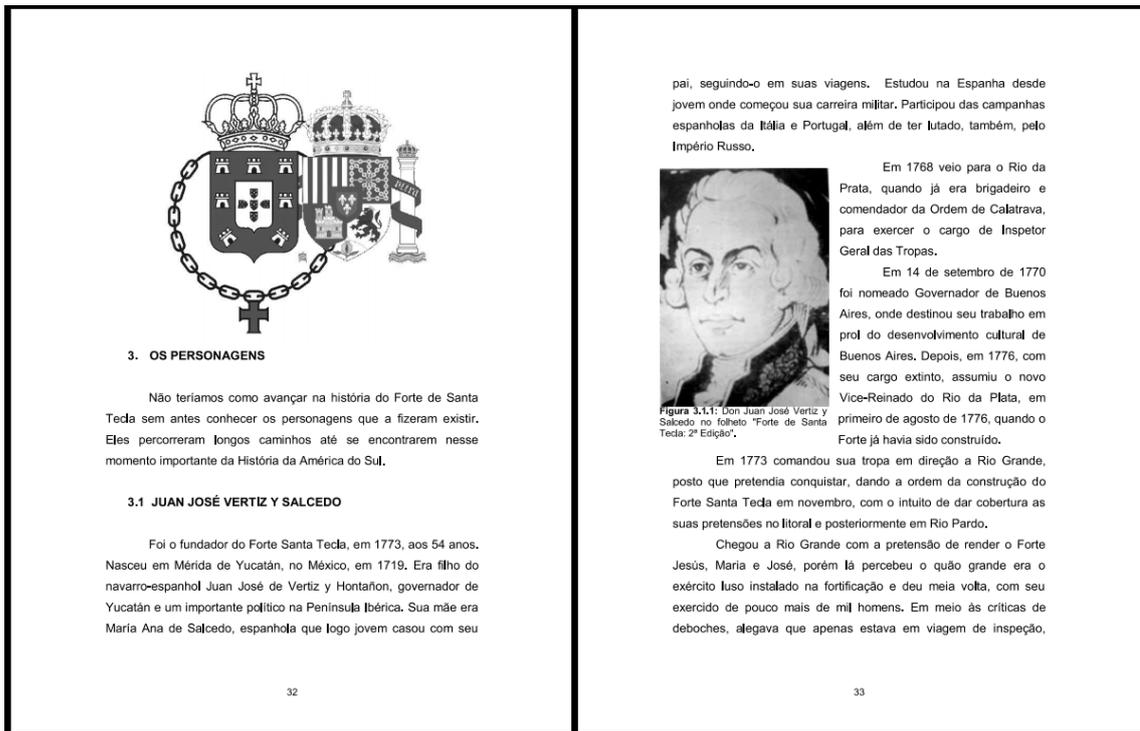
Imagem 4 – Foto do artigo "Fatos que antecedem a criação de Santa Tecla"



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/historia-e-personagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

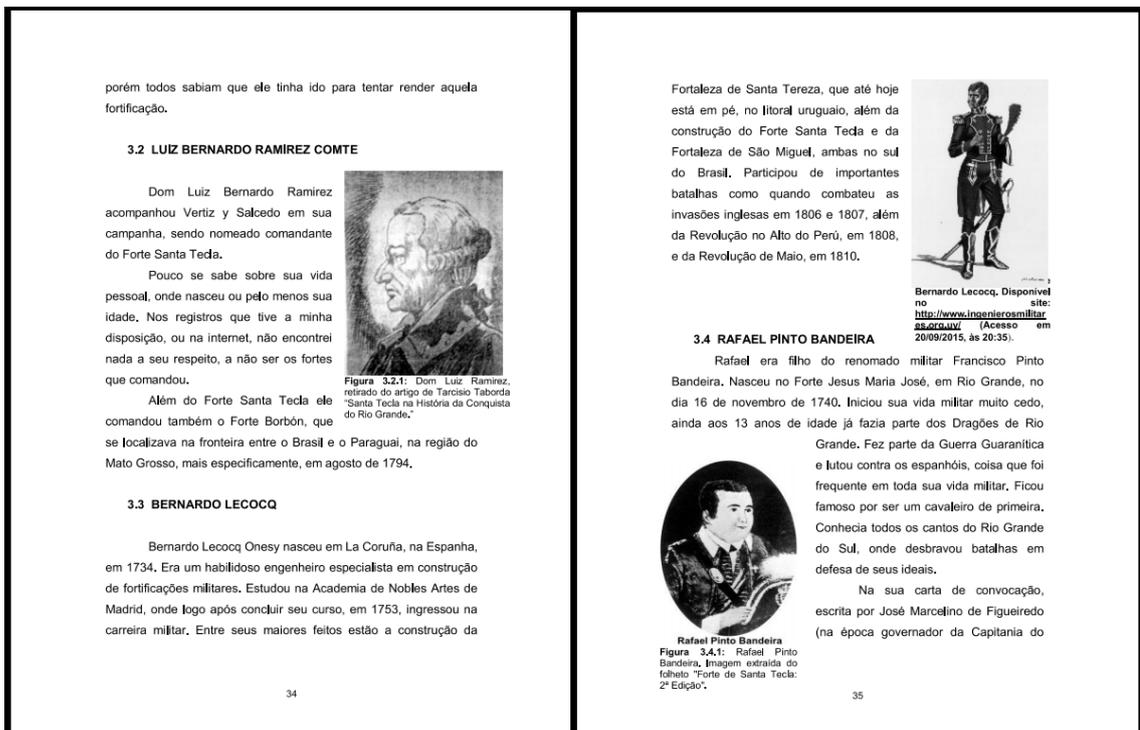
O capítulo três do livro “Uma Breve História do Forte Santa Tecla” (PINHEIRO, 2015) chamado “Os Personagens” estará disponível nesta sessão no site, assim como o restante do livro nas demais sessões. Ele apresenta a história de cada um dos que protagonizaram esta história, conforme podemos ver nas imagens abaixo.

Imagem 5 – Printscreen do capítulo “Os personagens” presente no site



Fonte: Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/historia-e-personagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Imagem 6 – Printscreen das páginas 34 e 35 do capítulo presente no site



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/historia-e-personagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Imagem 7 – Printscreen das páginas 36 e 37 do capítulo presente no site

<p>Rio Grande de São Pedro), foi nomeado para uma função nada fácil: expulsar os espanhóis da serra e da campanha, pois, segundo Figueiredo, ele era o único capaz de combater qualquer inimigo apenas "com uma cuia de mate e um surraão". (TABORDA, 1984: pg. 3).</p> <p>Figueiredo estava certo, pois, Rafael não decepcionou em suas missões vencendo no Arroio Santa Barbara, no Combate de Tabatingá, na Trincheira de São Martinho e no nosso referido Forte Santa Teda, quando tinha 36 anos.</p> <p>3.5 PATRÍCIO CORRÉA DA CÂMARA</p> <p>O Barão e Visconde de Pelotas, como era conhecido, já com idade avantajada, por ser um "bom organizador e bom administrador, além de possuir valor e coragem" (TABORDA, 1984: pg. 4), nasceu numa viagem que seus pais fizeram a Lisboa. Não quis esperar o navio ancorar no porto e nasceu no meio do navio em pleno mar. Aos 11 anos de idade já era guarda do tesouro do Reino de Portugal. Participou de várias campanhas portuguesas na África, já como tenente, até chegar no Brasil, com 22 anos, onde escolheu o regimento dos Dragões de Rio Pardo, na época comandado já por Rafael</p>  <p>Figura 3.5.1: Patrício Corrêa da Câmara no folheto "Forte de Santa Teda: 2ª Edição".</p> <p>36</p>	<p>Pinto Bandeira, onde Patrício se tornou Sargento-Mor, com 30 anos, por sua eficiência no manuseio com armas.</p> <p>Participou da expulsão dos espanhóis no Forte Santa Teda, em 1776 e atuou na demarcação do Tratado de Santo Ildefonso. Alguns anos depois foi o Comandante dos Dragões de Rio Pardo na segunda expulsão dos espanhóis do Forte Santa Teda, quando mandou destruir de vez para que jamais houvesse possibilidade de ser novamente reconstruído. Participou, em 1811, do acampamento de Bagé, inserido no exército pacificador de Dom Diogo de Souza.</p> <p>Como já estava doente, recolheu-se em Rio Pardo e aos 83 anos e, em 1827, faleceu.</p> <p>3.6 OS CHARRUAS, MINUANOS E GUARANIS</p> <p>O Forte de Santa Teda foi construído pelo engenheiro Bernardo Lecocq, que acompanhava Dom Juan, com ajuda dos índios reincentes da estância de Santa Teda, posto avançado de São Miguel das Missões, que viviam na região. Cansados de batalhar e serem massacrados pelos portugueses, aceitaram ajudar os espanhóis a construir, pois, em troca receberiam armas de fogo para lutar contra os Lusitanos. Porém, isso não ocorreu e ao final da construção acabaram sendo obrigados a lutar junto ao exército espanhol e trabalhar nas atividades internas da fortificação.</p> <p>37</p>
---	--

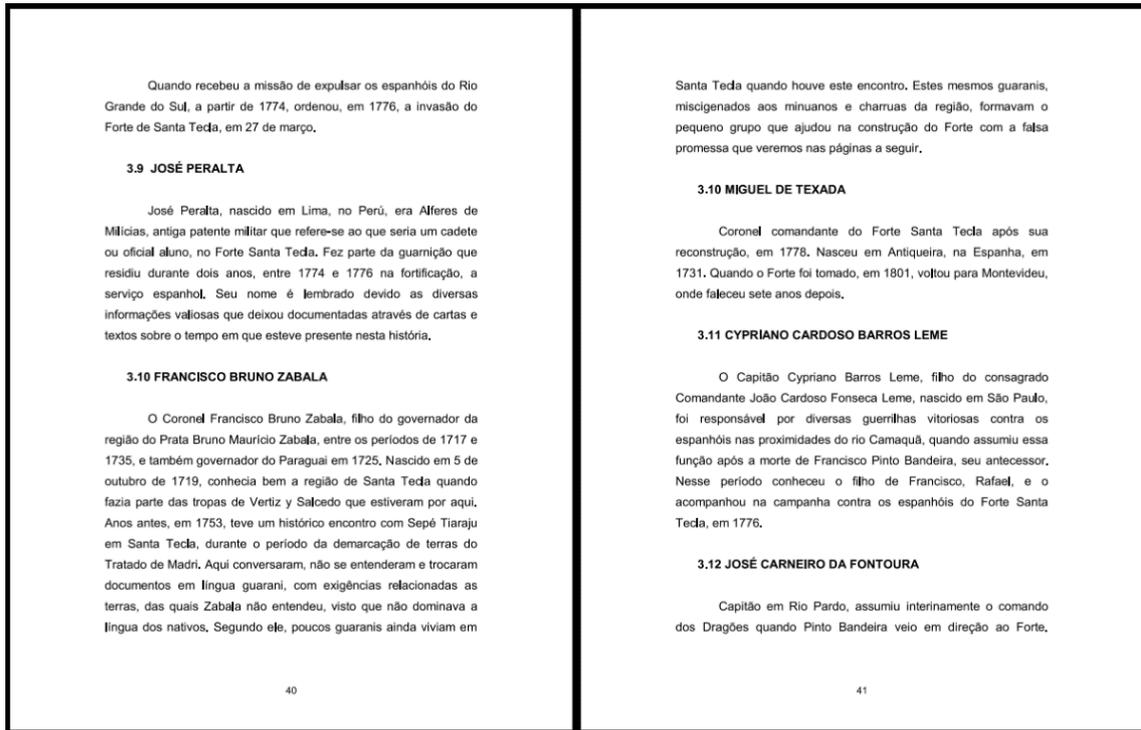
Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/historia-e-personagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Imagem 8 – Printscreen das páginas 38 e 39 do capítulo presente no site

 <p>Figura 3.6.1: Nativos de etnia charrua. Imagem retirada do artigo de MONTEIRO, Victor e DOBKE, Pablo, de 2009 (http://calcehistoria.ning.com/profiles/blogs/etnias-pampeanas-charruas-e/).</p> <p>3.7 PEDRO DE CEVALLOS</p> <p>Pedro Antonio de Cevallos Cortés y Calderon nasceu no sul da Espanha, na cidade de Cádiz, em 1715. Militar espanhol respeitado foi governador da Província de Buenos Aires, em 1757. Com a criação do Vice-Reinado do Rio da Prata em 1776, foi nomeado por "El Rei" vice-rei deste vice-reinado.</p> <p>Entrou na história do forte por ter sido o mandante da reconstrução do forte em 1778.</p> <p>38</p>	 <p>Figura 3.7.1: Fotografia extraída do livro "Historia Argentina". Autor: Diego Abad de Santillán. TEA, Tipográfica Editora Argentina, 1971, Buenos Aires, Argentina.</p> <p>3.8 JOHANN HEINRICH BÖHN</p> <p>Nascido em Bremem, na Alemanha, em 1708, serviu exércitos europeus como o inglês, governando inclusive sua terra natal durante um período, a partir de 1764. Quando tinha 57 anos foi contratado pelo exército português e assumiu o cargo de Acessor do Marquês de Pombal.</p>  <p>Figura 3.8.1: Representação da Tomada do Forte pelos espanhóis. Abor representando um General espanhol.</p> <p>Seguidor do Conde Lippe, em Portugal, assumiu no Brasil as funções de Inspetor Geral, Comandante e Administrador de todas as Tropas de Infantaria, Cavalaria e Artilharia do Vice-Reino do Brasil.</p> <p>39</p>
--	---

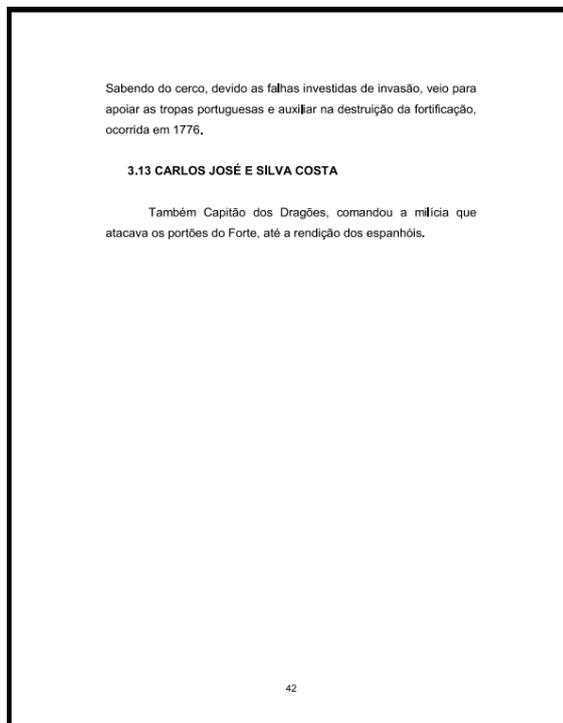
Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/historia-e-personagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Imagem 9 – Printscreen das páginas 40 e 41 do capítulo presente no site



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/historia-e-personagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Imagem 10 – Printscreen da página 42 do capítulo presente no site



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/historia-e-personagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Vejamos alguns dos protagonistas que não estão no livro, mas que também estarão presentes no sítio eletrônico com as imagens e textos disponibilizados a seguir.

2.2.1 Hernandarias de Saavedra

Imagem 11 – Retrato pintado Hernandarias de Saavedra



Fonte: Autor desconhecido. Disponível em: <http://www.lagazeta.com.ar/hernandarias.htm>. Acesso em: 19 de agosto de 2017 às 18:00

Hernando Arias de Saavedra foi um fidalgo, militar, conquistador e governador nascido em Assunción, no Paraguai, em 1564. Foi governador de Assunción entre 1594 e 1596, depois governador do rio da Prata e do Paraguai entre 1596 e 1618, tendo intercalado com outros políticos influentes da época essa função neste período.

Foi um dos idealizadores da criação das missões jesuíticas na América Latina, conforme descrito nos fatos antecedentes, e o mandatário da construção das primeiras missões no Rio Grande do Sul (LAZZAROTTO, 2010, p. 34).

2.2.2 Felipe II

Imagem 12 – Retrato pintado de Felipe II da Espanha



Fonte: Autor: Sofonisba Anguissola. Parte do Acervo do Museo del Prado. Madrid, Espanha

Nascido em Valladolid no dia 13 de setembro de 1527, reinou Nápoles entre 1554 e 1598 (ano em que faleceu). A partir de 1556 acumulou o cargo de rei da Espanha, Sicília e Sardenha. Em 1581 anexou ao seu poder também Portugal e Algarves, se tornando, para muitos, o homem mais poderoso de todos os tempos.

Foi um dos idealizadores das missões jesuíticas na América, executadas durante o reinado de seu filho, Felipe III (LAZZAROTTO, 2010, p. 34).

2.2.3 Jesuítas

Imagem 13 – Brasão da Companhia de Jesus, idealizado por Inácio de Loyola em 1541



Autor: Moranski. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Companhia_de_Jesus#/media/File:Ihs-logo.svg. Acesso em: 21/08/2017 às 15:28

Padres missionários da congregação criada em 1534 por Inácio de Loyola na França, em Paris. Tem a missão de formar sacerdotes objetivados a levar a religião cristã a localidades distantes ou que não a conhecem. Foram bastante utilizados pelos colonizadores na América e fundaram em diversas comunidades, normalmente a mando do rei ao qual serviam, chamadas reduções ou núcleos jesuíticos com o objetivo de fazer contato com os nativos para catequizá-los, agregá-los e transformá-los em cidadãos cristãos.

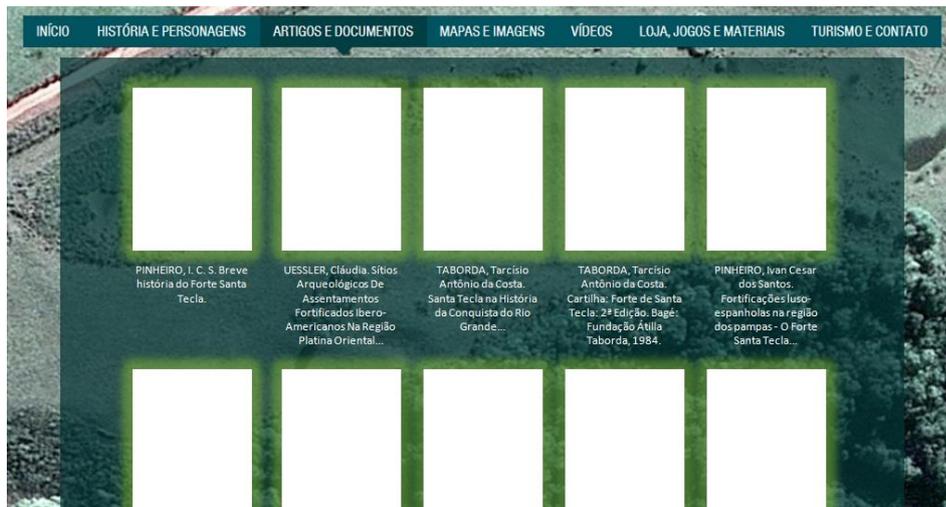
Essa foi uma das formas que a Espanha utilizou para ocupar o território americano, visto que nos séculos XV e XVI seria impossível popular suas novas terras na América devido a sua baixa população que girava em torno de um milhão. Transformar os nativos em espanhóis foi a tentativa de solucionar o problema, com sucesso em muitos casos. Em outros, acabaram cometendo genocídios que dizimaram populações inteiras de nativos americanos.

Foram os jesuítas que, junto com os nativos do Rio Grande do Sul, construíram as missões e a estância de Santa Tecla, posto avançado de São Miguel na região do atual município de Bagé (LAZZAROTTO, 2010, p. 35).

2.3 ARTIGOS E DOCUMENTOS

Esta importante sessão terá o objetivo de disponibilizar o download de artigos, documentos e relatórios referentes ao forte e a estância de Santa Tecla. Haverá também a possibilidade de visitantes e pesquisadores enviarem informações e novos artigos, documentos ou relatórios existentes para que sejam anexados ao acervo disponibilizado. É uma forma moderna e interessante de recolher cada vez mais informações sobre os objetos de pesquisa em todos os cantos do mundo.

Imagem 14 – Printscreen da aba Artigos e documentos do site



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/artigos-e-documentos. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Também serão disponibilizados aqui imagens de materiais arqueológicos retirados da fortificação através das escavações dos anos 1970 e que hoje estão parte no Museu Dom Diogo de Sousa e outra parte no arquivo arqueológico de Fernando La Salvia na Universidade de Caxias do Sul (UCS). São alguns destes objetos:

2.3.1 Pregos e pedaços de mola

Imagem 15 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de Pregos e pedaços de molas que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970



Fonte: Arquivo pessoal de Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

Estes materiais de construção foram retirados nas escavações do arqueólogo Fernando La Salvia na década de 1970. Pregos de tamanhos variados entre 15 e 5 centímetros de comprimento que eram utilizados nas construções de madeira e pau a pique no interior da fortificação e possivelmente também em outros objetos como carretas e, inclusive, ferraduras de animais.

2.3.2 Dobradiças, Alças de baú e sola de chinelos ou sapatos

Imagem 16 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de dobradiças, aças de baú e solas de chinelos que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970



Fonte: Arquivo pessoal de Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

Também foram encontradas nas escavações dobradiças que eram utilizadas em portas, tanto na entrada das edificações, quanto em carroças e carretas utilizadas pelos espanhóis.

Baús de diversos tamanhos eram utilizados e algumas alças de alguns deles que foram destruídos durante a invasão foram encontradas.

Solas de chinelos ou sapatos também estavam submersas na localidade.

2.3.3 Relógio de sol, madeira de mobília e castiçal

Imagem 17 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de um relógio de sol, madeiras de móveis e castiçal que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970



Fonte: Arquivo pessoal de Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

Um relógio de sol artesanal foi achado nas escavações e encontra-se em ótimo estado de conservação.

Vários pedaços de madeiras de mobílias de diferentes tipos de móveis se encontravam submersos, assim como um castiçal onde colocavam as velas para enxergar a noite na escuridão do pampa.

2.3.4 Bola de bucha de canhão

Imagem 18 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de bolas de bucha que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970



Fonte: Arquivo pessoal de Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

Materiais bélicos também ainda estavam presentes na localidade, como bolas de bucha dos canhões que ficavam presentes nos baluartes.

Outros materiais bélicos foram encontrados anteriormente por populares que visitavam a localidade e muito se vê em casas de campo e no centro da cidade objetos que foram retirados do sitio arqueológico do Forte Santa Tecla e que hoje enfeitam paredes de casas particulares.

2.3.5 Ossos de animais

Imagem 19 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de ossos de animais que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970



Fonte: Arquivo pessoal de Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

Uma quantidade significativa de ossos de animais foram achados na fortificação e em seus arredores. É possível que muitos deles tenham sido abatidos para alimentar o contingente do forte e também podem ter sido assassinados pelos portugueses na tomada da localidade nas duas oportunidades, 1776 e 1801.

Há relatos de que populares ainda procuram na região um cemitério indígena, mais uma das lendas que envolvem o forte e a estância. Inclusive foram feitas pesquisas nestes ossos para certificar-se de que nenhum era humano.

2.3.6 Rodas e eixos de carreta

Também foram encontrados por La Salvia rodas e eixos de carreta que estavam dentro de um dos poços existentes ainda na localidade. Possivelmente foram atirados ali pelos portugueses.

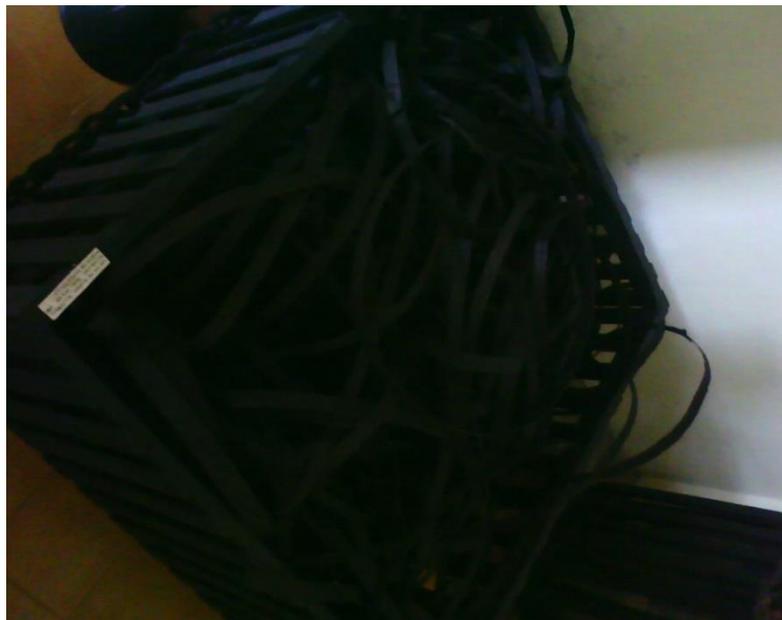
Imagem 20 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de rodas e eixos de carretas que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970



Fonte: Arquivo pessoal de Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

2.3.7 Anéis de barril

Imagem 21 – Foto retirada no Museu Dom Diogo de Sousa de anéis de barril que foram retirados do Forte Santa Tecla nas escavações dos anos 1970



Fonte: Arquivo pessoal de Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

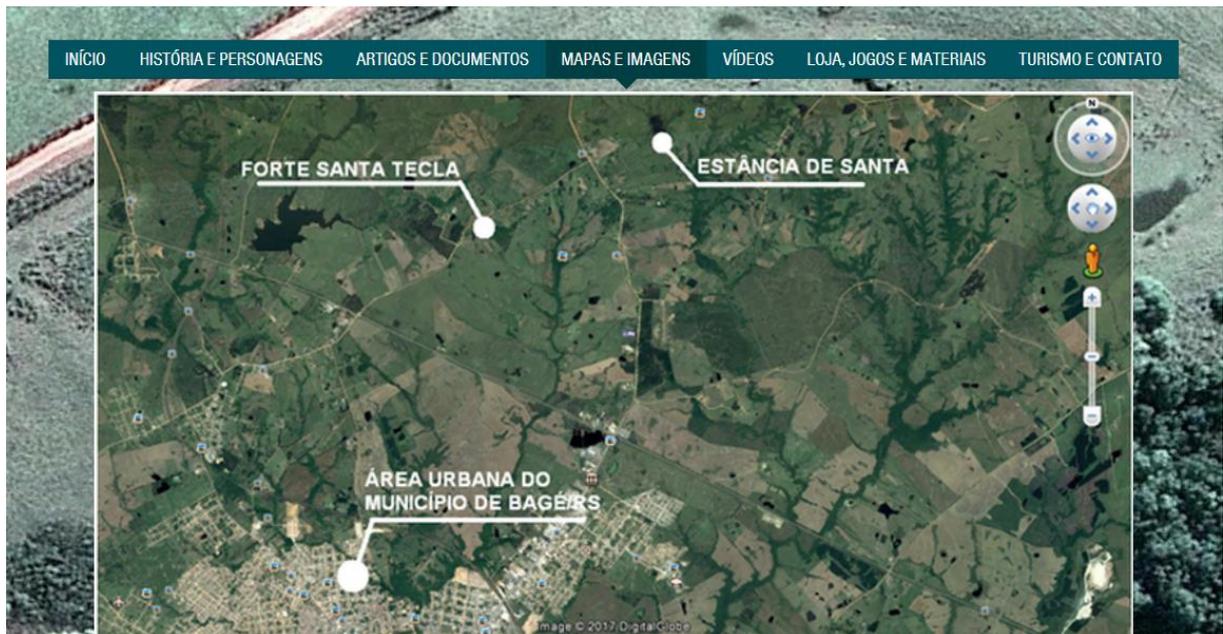
Foram encontrados em abundância pelo arqueólogo anéis de barril e as madeiras que os constituíam, tanto embaixo da terra, quanto dentro dos poços.

Diversos outros materiais foram encontrados como, por exemplo, cerâmica indígena e outros artefatos que podem ser vistos, como citamos anteriormente, tanto no museu quanto na UCS e que estarão presentes através de imagens no sítio eletrônico.

2.4 MAPAS E IMAGENS

Mapas e outras imagens informativas deverão estar nessa sessão que, assim como as demais, também terá o propósito de recolher novas fontes para serem disponibilizadas.

Imagem 22 – Printscreen da aba Mapas e Imagens do site



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Serão disponibilizadas nessa sessão também diversas imagens e fotos da estância e do forte, além de abordar diferentes aspectos como artefatos arqueológicos, fundações, fauna e flora da região.

2.5 VÍDEOS

Outra importantíssima área do website que disponibilizará vídeos, documentários e outras produções acerca do tema, buscando explicar e mostrar aos visitantes imagens do local e a opinião dos pesquisadores sobre suas pesquisas. Também haverá a opção de envio de link de vídeos para serem disponibilizados.

Imagem 23 – Printscreen da aba Vídeos do site



Fonte: sítio www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/videos. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

2.6 LOJA, JOGOS E MATERIAIS

A sessão chamada "jogos" será lúdica, com o intuito de atingir jovens e crianças, onde serão disponibilizados, além de jogos, exercícios, desafios, caça-palavras, cruzadinhas e outras formas de fazer com que o público alvo se interesse e ao mesmo tempo se divirta aprendendo sobre Santa Tecla e todo seu contexto.

A loja terá importante função de disponibilizar para o visitante a opção de compra de livros e outros artigos (incluindo fotocópias que poderão ser enviados por sedex), além de camisetas, canecas, cartões postais e outros souvenirs relacionados ao tema.

Imagem 24 – Foto da aba "Loja, Jogos e Materiais" presente no site



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/lojas-jogos-e-materiais. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Também nesta aba serão disponibilizados materiais didáticos que poderão ser utilizados por professores e alunos, tanto na universidade como na escola, trazendo benefícios imensuráveis para o ensino da história destes dois objetos, representando um marco no modo de ensinar e pesquisar história na internet.

2.7 TURISMO E CONTATO

A sessão de turismo e contato terá todas as informações necessárias para os interessados em conhecer Santa Tecla, tanto a estância quanto o forte. Serão disponibilizados os contatos de hotéis, restaurantes e guias de turismo, além de informações sobre os demais pontos turísticos da cidade e da região. Assim, facilitará para que os visitantes possam também se programar de conhecer o local.

Também será possível enviar e-mail com dúvidas, sugestões e outras informações. Também serão disponibilizados nomes e contatos de historiadores da região que poderão auxiliar os interessados sobre assuntos pertinentes ao tema.

Imagem 25 – Printscreen da aba Turismo e Contato do site

Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/turismo-e-contato. Acesso em 12/04/2018 às 20h30min

Pedagogicamente este projeto consiste numa formação continuada onde também será de suma importância a opinião dos docentes que passarem a colher material nesta ferramenta online. Conforme reafirmam OLIVEIRA e DONINI (2015):

Os sites “didáticos” podem ser analisados como parte do processo de ensino de história, assim como um fator de influência sobre o mesmo. Isso porque o conteúdo dos sites pode ser entendido como um dos articuladores da construção das ideias históricas dos estudantes e conseqüentemente do desenvolvimento de seu pensamento histórico. É importante lembrar que os textos de sites de pesquisa escolar podem auxiliar em discussões feitas em sala de aula, entre o professor e os demais estudantes visto sua potencialidade dos mesmos como parte da cultura midiática estabelecida em nosso tempo (OLIVEIRA; DONINI, 2015, p. 1).

2.8 ESTUDO

Por último o sitio eletrônico apresentará uma aba chamada “estudo” com o objetivo de atrair interessados para a oferta de cursos e grupos de estudos voltados para a educação e ensino de História regional, História da estância e do forte de Santa Tecla, turismo no pampa, patrimônio e preservação, conceitos básicos de Arqueologia e outros tantos que poderão ser ofertados por profissionais interessados em compartilhar conhecimento e que ao mesmo tempo poderão capacitar pessoas a auxiliar na manutenção e preservação da História e dos sítios arqueológicos de Santa Tecla.

3 CONHECENDO A ESTÂNCIA E O FORTE DE SANTA TECLA

3.1 ANTECEDENTES ATÉ A CONSTRUÇÃO DA ESTÂNCIA DE SANTA TECLA

Para falarmos dos fatos antecedentes e que influenciaram não só na construção da estância e do forte de Santa Tecla, mas de todos os acontecimentos no Rio Grande do Sul neste período, é necessário que façamos um panorama geral, desde a chegada dos índios, importantíssimos nesse contexto, a situação do Rio Grande do Sul e do Brasil neste período. Este panorama estará no sítio eletrônico com um título chamado "Antecedentes do surgimento de Santa Tecla".

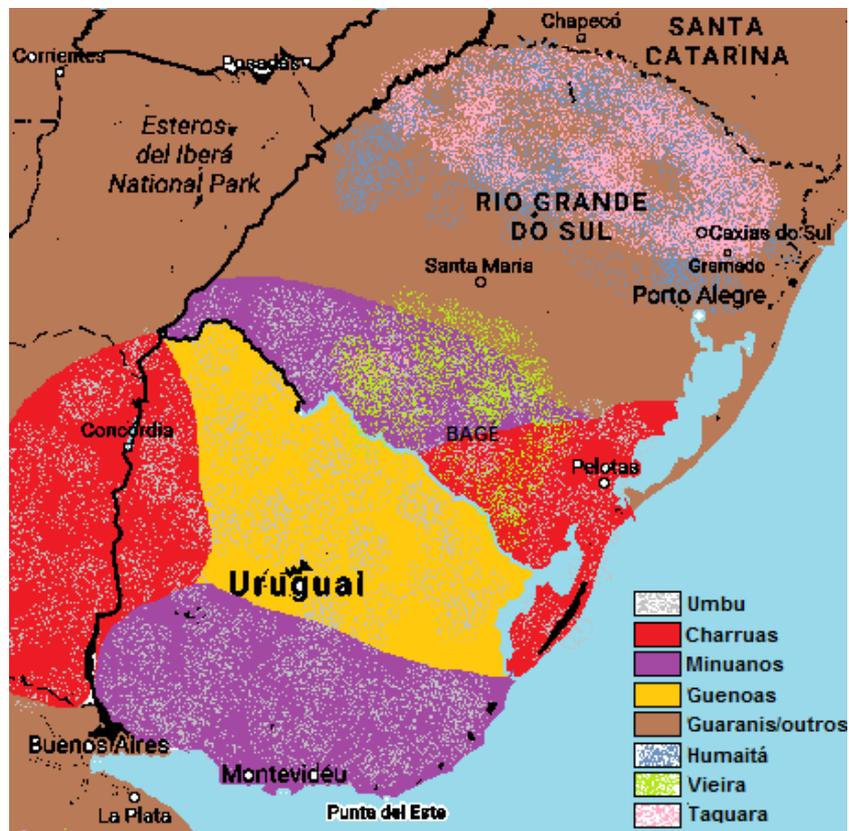
Explicaremos no texto que a região da fronteira sudoeste, que é a região dos focos de nossa pesquisa, abrigou durante milhares de anos as primeiras comunidades humanas do Rio Grande do Sul. A vinda destes nativos para o local ocorreu ainda no pleistoceno final, início do holoceno, há cerca de onze mil anos devido à última glaciação que provocou baixíssimas temperaturas nos Andes e as correntes Falkland no sul da Argentina, fatores que somados ao ar frio e úmido do pacífico fizeram comunidades inteiras migrarem para o interior da América, vindo parar no sudoeste gaúcho e na região de Bagé, onde se encontra Santa Tecla (KERN, 1991, p. 118).

Importante apresentar no corpo texto do sítio que esses eram nativos da tradição que chamamos de umbu, fabricantes de pontas de flechas e boleadeiras de pedra, utilizadas para caçar animais comuns da região. Alimentavam-se também de frutos como o butiá e o jerivá. Abrigavam-se em cavernas sob rochas ou protegidas por árvores. Sepultavam seus semelhantes em lajes irregulares de arenito onde colocavam na cova o corpo envolvido por folhas de árvores em decúbito dorsal. Esses possivelmente deram origem a outra tradição, conhecida por suas cerâmicas, chamada vieira. O certo é que viveram no local entre dez e dois mil anos atrás. Nesta data começaram a aparecer minuanos, charruas e guenoas, que seriam vertentes dos umbu e vieira. As pesquisas arqueológicas apontam que eram nômades e se abrigavam no pampa no inverno até o verão, quando migravam para o litoral até a vinda do outono (KERN, 1991, p. 221).

Através de imagens e também no corpo do texto aparecerá que os charruas, minuanos e guenoas são tradições possivelmente descendentes dos umbu e vieira. Se alimentavam de muita carne e pouco vegetal. Cozinhavam seus alimentos em

vasilhas de cerâmica. Fabricavam canoas feitas de cedro e tambetás (vasos) de madeira (FAVRE, 2011, p. 9). Caçavam veados, preás, gambás e pumas. Usavam penas nas armas, bolsas e capacetes de couro de onças (principalmente os minuanos). As mulheres usavam saias de algodão, provavelmente devido a coexistência com os guaranis entre os séculos XVI e XVII. Em Bagé e região foram encontrados entre os anos 1965 e 1967 trinta cerritos e dois sítios abertos pelo arqueólogo Fernando La Salvia (KERN, 1991, p. 211).

Mapa 1 – Nativos nos Rio Grande do Sul entre 11 mil e 500 anos atrás e estará presente no sítio



Fonte: Autor da adequação: Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

A geografia da região também será apresentada no sítio, mostrando que tem uma riqueza aquífera, pois, se encontra entre os rios Santa Maria, Negro e Camaquã, o que atraiu e ajudou a manter essas comunidades no local por tanto.

local para armazenar corpos de nativos falecidos. Também serviam como paredes que aparavam o vento em épocas de frio. Ocuparam o litoral brasileiro e se instalaram no Rio Grande do Sul há cerca de quatro mil anos. Eram excelentes escultores de objetos em pedras. Seu artesanato é fantástico e até hoje o que se encontra ainda fascina historiadores e arqueólogos (COSTA; FONSECA; SCHMIDT, 2004, p. 24).

Os guaranis também chegaram ao território riograndense, e também terão sua história e tecnologia apresentada no sítio. Viviam na beira dos rios e devido a períodos de seca em outras regiões da área tropical americana acabaram migrando. Sua vinda é também associada a incessante busca pela “terras sem males” (*yvy marã e'ỹ*, na língua guarani), por acreditarem que quando acabava a comida e a água de uma região ou suas plantações eram tomadas por ervas como o inço, ela estava amaldiçoada pelos deuses da natureza, ocasionando sua mudança. Eram conquistadores, se expandiram pelo território brasileiro e, posteriormente, pelo Rio Grande do Sul. Formavam aldeias de até 400 pessoas. Dominavam territórios pretendidos com guerras expulsando seus antigos ocupantes sendo praticamente imbatíveis nas batalhas indígenas com seus arcos e flechas, lanças e tacapes.

Entraram no território riograndense pelo Noroeste, dominando os humaitá no norte e os sambaquianos no litoral. Usavam da coivara (queimada de matas e florestas) para abrir clareiras onde instalavam suas tribos e plantavam (COSTA; FONSECA; SCHMIDT, 2004, p. 25). Os guaranis trouxeram para as terras riograndenses grãos, raízes e vegetais como o milho, feijão, mandioca, pimenta, abóbora, amendoim e a erva mate. Desenvolveram quatro grandes comunidades diferentes no Estado: os guaranis arachanes, guaranis coroados, guaranis tapes e guaranis carijós (PINHEIRO, 2015, p. 17).

É importante mostrar no produto para os visitantes que no Rio Grande do Sul, os primeiros europeus a se fixarem, não a chegarem, porque sabemos que vários europeus já haviam visitado o Estado, foram os Jesuítas espanhóis, com a missão de catequizar os nativos que aqui viviam. A Província Jesuítica do Paraguai, fundada em 1607 pelos espanhóis, era dona de uma área enorme que incluía o atual território do Paraguai, grande parte da Argentina, do Uruguai, da Bolívia e abrangia dois atuais estados brasileiros: Rio Grande do Sul e Santa Catarina que estavam em território espanhol, segundo o Tratado de Tordesilhas de 1494 (LAZZAROTTO,

2010, p. 33). Esta sessão estará em um novo artigo chamado "A formação das missões jesuíticas".

Este artigo também abordará que o Governador da província do Paraguai, Hernandarias de Saavedra, conversou com o rei Felipe II da Espanha sobre o avanço dos portugueses no território americano e assim decidiram usar os próprios índios a seu favor, enviando padres jesuítas para territórios ainda não habitados pelos espanhóis com a missão de trazer os nativos para o lado deles através da catequização.

Na continuidade do corpo do texto e através de imagens, veremos que em 1626, Saavedra enviou para o território que hoje é a região noroeste do Rio Grande do Sul uma comissão de padres Jesuítas que fundaram dezoito "reduções jesuíticas", entre 1626 e 1633, com a finalidade de catequizar habitantes da região. O primeiro núcleo (redução) fundado foi o de São Nicolau do Piratini, pelo padre Roque Gonzáles de Santa Cruz (CANDEIAS, 2012).

Importante lembrar no corpo do artigo que entre as dezoito estava São Miguel das Missões, que foi responsável pela construção de Santa Tecla, seu posto avançado, na região norte do atual município de Bagé. A construção de Santa Tecla não tem data divulgada em cartas ou documentos até então conhecidos. Acreditamos que possivelmente sua construção se deu no período em que retornaram os jesuítas ao território riograndense, no contexto dos sete povos das missões, mais precisamente à 3,2 quilômetros de onde cem anos depois construíram o forte, em 1774.

Em meados de 1636, enquanto a maioria das reduções jesuíticas espanholas já estavam estabelecidas no Rio Grande do Sul, chegaram portugueses mercenários caçadores de nativos. Chamados de Bandeirantes, porque participavam das "bandeiras", como era conhecido o seu exército organizado e eficiente na caçada destes americanos que eram vendidos como escravos no resto do Brasil. Os tinham como alvo por serem bons agricultores e porque sabiam lidar com os animais, além de serem muito obedientes, o que facilitava para os seus agora proprietários.

Mapa 3 – Localização do forte e da Estância de Santa Tecla em relação ao centro urbano de Bagé que estará presente no sítio



Os bandeirantes atacaram em 1636 as reduções de Jesus Maria, São Cristóvão e São Joaquim. No ano seguinte, caçavam na região norte do Estado, perto da redução de Cosme e Damião. Os nativos conseguiram vencer em 1641 a famigerada Batalha de M'bororé. As invasões nesse momento só acabaram porque os portugueses conseguiram expulsar os holandeses que haviam dominado o litoral africano, restabelecendo assim o tráfico de negros, se tornando desnecessária a captura de mais nativos (MAGALHÃES, 2002, p. 12).

Com os bandeirantes no Rio Grande do Sul, os Jesuítas que não foram para o enfrentamento em sua maioria, se retiraram do território e para a margem esquerda do Rio Uruguai, próximo ao atual município de São Borja, em 1640, levando a maioria das tribos, mas deixando o gado que haviam trazido do Paraguai e que acabou se espalhando por todo o território em um número próximo a dez milhões. Portanto, o gado existente hoje no sul foi trazido pelos jesuítas, pois, antes disso, não há registro de bovinos vivendo nestas terras (MAGALHÃES, 2002, p. 18).

Em 1682, quarenta anos depois de terem fugido dos bandeirantes, os jesuítas espanhóis voltaram à região onde haviam fundado as primeiras reduções. Nesse mesmo ano fundaram duas reduções há poucos quilômetros da margem esquerda

do rio Uruguai, em terras que hoje são os municípios de São Borja e São Nicolau (MAGALHÃES, 2002, p. 19).

Em pouco mais de vinte anos fundaram outras cinco reduções, formando o que ficou conhecido como os Sete Povos das Missões, um conjunto de comunidades reunindo índios guaranis e padres jesuítas numa civilização jamais vista. Quando os Sete Povos foram destruídos por um exercito formado por espanhóis e portugueses, em 1756, haviam três gerações de índios guaranis, cerca de quarenta mil pessoas, vivendo num sistema de sociedade organizado pelos padres. Os índios, que naturalmente eram nômades, passaram a viver fixados no território, produzindo e planejando todos os detalhes da comunidade (BAIOTO; QUEVEDO, 2005, p. 41).

Os europeus viam na forma de vida primitiva dos índios o “material ideal” para a construção de uma sociedade cristã perfeita, visto que os índios aderiam aos ensinamentos dos padres, pois acreditavam que as terras onde viviam com os jesuítas era a tão sonhada “yvy marã e'ỹ” (terra sem males) que buscavam, segundo a tradição guarani (BAIOTO; QUEVEDO, 2005, p. 41).

Do outro lado do rio Uruguai, os Jesuítas já haviam criado cerca de 30 comunidades, e os Sete Povos vieram a somar a elas que reunidas formavam a Província Jesuítica do Paraguai. Possuíam uma legislação que era submetida à justiça, caso não fosse cumprida, e suas próprias autoridades como juízes, exército e chefes de família. Em 1697, o Rei da Espanha chegou a comparar os caciques guaranis a fidalgos espanhóis. Viviam da agricultura e pecuária de diversos animais, além do couro (PINHEIRO, 2015, p. 17).

Entre 1683 e 1690 os espanhóis teriam fundado uma estância próxima a Santa Tecla, chamada San Andre Guenoas, porém há pouquíssima informação desse local e se ele de fato existiu. No entanto, ele aparece em alguns mapas da região no período (LOPES; LUCAS, 2012, p. 33).

Nesse contexto que possivelmente surgiu a estância de Santa Tecla, entre 1680 e 1710. No local foi construída uma capela e possivelmente alguns alojamentos para abrigar os nativos que trabalhavam junto aos jesuítas criando gado (que podem ter chegado a cinquenta mil cabeças devido a grande extensão da estância) e extraíndo cal que eram enviados a São Miguel, nas missões. Podemos afirmar que a maioria ou a totalidade desses indígenas que foram alvo da catequese dos missionários na região se tratavam de charruas e minuanos. Há controvérsias

na comunidade acadêmica, inclusive, de que supostamente Sepé Tiaraju, líder da Rebelião Colonial Indígena, teria nascido em Santa Tecla e seria charrua ou minuano e não guarani, como muitos defendem (BOUCINHA, 2006, p. 1).

O possível período de construção de Santa Tecla remete a mesma época da fundação da Colônia de Sacramento, às margens do rio da Prata, por Manuel Lobo, comandante daquela expedição, para que fizessem frente ao comércio espanhol de Buenos Aires. O projeto e Sacramento parecia uma insanidade portuguesa, visto que o posto mais próximo daquele local era São Paulo, cerca de mil e setecentos quilômetros dali. Por isso foram surgindo nas décadas seguintes novos territórios portugueses como Laguna, fundada em 1684. Para facilitar essa comunicação foi criada a Estrada Real em 1736, ligando São Paulo a Viamão, território fundado no Rio Grande do Sul. Tentativas de derrubada espanhola no Uruguai foram continuas como a tentativa de invasão a Montevideú, sem sucesso, por Luiz de Abreu Prego. Assim surgiu fundação, em 1737, por José da Silva Paes, da primeira povoação portuguesa no território riograndense, onde hoje se encontra a cidade de Rio Grande, no litoral atlântico.

Em 1750 surge outro fator determinante para aquele cenário, a assinatura do Tratado de Madri, que Pinheiro (2015) descreve:

O Tratado de Madri teve como objetivo remarcar os limites territoriais entre as coroas portuguesas e espanholas nas colônias da América do Sul. Ele veio para substituir o Tratado de Tordesilhas que já não estava de acordo com a realidade há mais de um século. O Tratado de Madri foi baseado no princípios do direito privado romano do *uti possidetis*, ou seja, quem está de fato habitando o lugar é que tem direito sobre ele. Esse conceito foi levantado por Alexandre Gusmão, um diplomata português que nasceu em Santos, no Estado de São Paulo. Ele alegou que as usurpações de terras além do Tratado de Tordesilhas pelos portugueses, ou seja, aquelas terras que pelo Tratado seriam espanholas e que foram aos poucos ocupadas por portugueses, principalmente pela ação dos bandeirantes, eram iguais ou inferiores as terras usurpadas pelos espanhóis na Ásia (Filipinas, Marianas e Malucas), assim sendo compensado e estando as duas nações com igualdade territorial em suas explorações (PINHEIRO, 2015, p. 24-25).

E complementa:

A assinatura do tratado também estabeleceu que Portugal cedesse a Colônia do Sacramento e as suas pretensões ao estuário da Prata, e em contrapartida receberia os atuais estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, o atual Mato Grosso do Sul, a imensa zona compreendida entre o Alto Paraguai, o Guaporé, o Madeira de um lado e os Rios Tapajós e Tocantins do outro, regiões estas desabitadas pelas coroas e que não pertenceriam aos portugueses se não fossem as negociações do tratado.

Foi nessa época que, para garantir a validade do tratado, partiram de Santos sessenta casais para se estabelecer na região da atual Porto Alegre. Esses casais fundaram a então Porto dos Casais (PINHEIRO, 2015, p. 25).

A assinatura do tratado e as discussões acerca do futuro dos povos das missões gerou um enfrentamento que deu origem a chamada Guerra (ou Revolução) Guaranítica (1753 a 1756). Comissões demarcatórias luso-espanholas receberam resistência dos guaranis das missões e de alguns jesuítas para concluir seu trabalho, pois, por ordem das coroas eles deveriam deixar o território que levaram um século para construir. Neste contexto surge a figura de Sepé Tiarajú, intimamente ligado a Santa Tecla, tanto a estância quanto posteriormente ao forte, através de seus descendentes.

As participações de Sepé e Santa Tecla são narradas em diversas obras, como a de Bayoto e Quevedo (2005) que descrevem a resistência dos nativos em Santa Tecla:

Em agosto de 1750 foram enviados comissários portugueses e espanhóis para tratar da saída do povo missioneiro da região. Porém, ao chegar ao território das Missões, no posto de Santa Tecla, foram recebidos pelo cacique de São Miguel, José Tiarayu, mais conhecido como Sepé, que os barrou bruscamente dizendo: “O território de que pretendeis dispor só pertence a Deus e a São Miguel”. Com isto estava declarada a guerra entre colonizadores e espanhóis contra os Sete Povos das Missões” (BAIOTO; QUEVEDO, 2005, p. 40)

Vinte anos depois os conterrâneos de Sepé ainda ajudariam na construção do Forte de Santa Tecla, em troca de armamentos, porém, acabaram escravizados e levados para o Uruguai e para a Argentina pelo comandante do forte, Don Luiz Ramirez (TABORDA, 1973, p. 11) no contexto da primeira rendição realizada pelo exército dos Dragões de Rio Pardo comandados por Pinto Bandeira em 1776.

3.2 FORTE SANTA TECLA: CONSTRUÇÃO, DETALHES E DISCUSSÕES

Inicialmente com maior riqueza de conteúdo e com maior destaque no sítio eletrônico estará o Forte Santa Tecla, dada a quantidade de material disponível para publicação e disponibilização online e gratuita para o público interessado.

A história dessa fortificação teve início em meados de 1773 quando Don Juan José Vertiz y Salcedo, então Governador de Buenos Aires, cargo que assumiu três anos antes, iniciou uma expansão rumo ao atual território do Rio Grande do Sul com

o intuito de invadir Rio Grande e Rio Pardo, que pertenciam oficialmente a Portugal desde o Tratado de Madri, assinado entre portugueses e espanhóis em 1750 e que não havia sido respeitado por ambas as partes. Pretendia invadir o Forte riograndido Jesus, Maria e José e seguir para Rio Pardo em seguida. Para isso necessitava de uma base forte que lhe fornecesse suprimentos para tais investidas. Assim foi escolhida a região próxima cerca de dois quilômetros da antiga (ou ainda existente naquele momento) estância de Santa Tecla. O pico mais alto da região onde se enxergavam as fronteiras de cima de seus baluartes, conforme é possível observar na imagem dezoenove.

Imagem 26 – Vista do Baluarte São Francisco no Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h30min

Para tal projeção e supervisão de construção, nomeou Bernardo Lecocq Onesy, espanhol, especialista em fortificações militares e autor do Forte de Santa Tereza, no litoral uruguaio, além da Fortaleza de São Miguel, também presente em seu currículo. Don Luiz Bernardo Ramirez Comte, militar e braço direito de Vertiz y Salcedo em sua jornada, foi nomeado comandante da nova Fortaleza. Abordaram os nativos remanescentes de Santa Tecla e das missões na região onde encontraram resistência e para não perder soldados na batalha resolveu o conflito através de uma proposta de troca de favores onde se ajudassem na construção do Forte obteriam

em troca armamentos que poderiam ser utilizados contra invasores, no entanto, o acordo não foi cumprido pelos espanhóis que, ao final da construção, escravizaram-os (PINHEIRO, 2015, p. 34-37).

A construção teve começo em novembro de 1773 e foi inaugurada (não concluída porque isso jamais ocorreu) no início de 1774. Estes detalhes e outros estarão à disposição na plataforma online proposta através de artigos e livros, em especial o de Pinheiro (2015) sobre o Forte que será disponibilizado em sua totalidade de forma gratuita no sitio eletrônico, conforme já afirmamos anteriormente. Sobre a construção discorre:

A fortificação era cercada por um fosso de nove metros de largura por dois metros e meio de profundidade, em formato de estrela de cinco pontas, ao modelo francês. Suas muralhas possuíam três metros de altura, tendo seus baluartes cinco metros e meio de altura. Sua dimensão, tendo como base uma foto de satélite do local, era aproximadamente de oitenta e oito metros do lado oeste, noventa e cinco metros seu lado leste, cento e cinco metros ao norte e cento e dez metros ao sul, tendo em seu total 14.175 m² de área. O pentágono possuía suas fundações de pedra e suas paredes foram feitas com um aglomerante a base de cal e barro. Suas edificações internas eram constituídas de torrões de madeira que faziam a função de pilares, juntamente com a mistura de barro e cal constituindo suas paredes e cobertas com palha, distribuídas em torno da praça de armas na sua área central. O barranco de um dos afluentes do rio Negro, e não a taipa do rio como alguns autores descrevem, afinal, o Forte está distante cerca de quatorze quilômetros ao norte dele, servia-lhe de proteção natural. Um abismo natural com cerca de quarenta metros de altura impossibilitava a chegada de inimigos pelo lado sul. Quando alguém se arriscava a subir a trilha pela ribanceira, os espanhóis ateavam fogo nas árvores, transformando aquele precipício numa labareda infernal que queimava os invasores (PINHEIRO, 2015, p. 44-45).

Don Luiz Ramirez, comandante do Forte, também detalhou algumas linhas em carta que pode ser encontrada no Arquivo Artigas, em Montevideo:

Casa com Paredes de Palo â Pique cubierta de Paja em la cual se dize Misa com una mesa (q.e serbia de altar) com su Gabeta.....1 'Pabellones delos Señores Oficiales cinco com Paredes de Palo embarrada, y cubietas, de Paja, e con Sus Puertas Y Llabes.....5 ' Cuarteles de la tropa con Paredes cubiertas de Paja....2 "Dicho que sirbe de Hospital....1 'dicho con Paredes de Palo â pique cubiertos de Paja....2 'Almacenes de Palo â pique cubierto de Cuero, con su Puerta y Llabe....1'. 'Esta fortaleza se Compone de cinco baluartes, com sus Cortinas que descinden deellos, los quatro principales compuestos de Zespedes ô tierra y lo restante de estacada, como descinden de ellos, â que se Sigue la escarpada, en cuja situacion se halla vn pequeño rastrilho, que hace puerta de Surtida por âquel paraje,(Con Zerradura, y Llabe) tiene a dicha Fortaleza su Correspondiente Foso. (ARCHIVO ARTIGAS, Montevidéo, 1960. (T. 1, p. 352), apud ORECCHIA, [s.d.], p. 20.).

O forte tinha capacidade para dois mil homens em seus alojamentos, no entanto, a população interna dificilmente passou de oitocentos homens, até porque as pretensões de Vertiz Y Salcedo não foram realizadas com êxito. Em Rio Grande não tinha noção da força portuguesa naquele local e acabou recuando. Já em Rio Pardo foi expulso pelo exército comandado por Pinto Bandeira que pouco tempo depois partiu rumo a Santa Tecla para render o forte (TABORDA, 1973, p. 3).

Esse primeiro momento de vida do Forte durou cerca de dois anos, entre janeiro de 1774 e fevereiro de 1776. Sua utilidade acabou sendo mais por uma questão de proteção de fronteira e para fornecimento de gado e cal para os espanhóis. Suas diversas estruturas como a igreja, o armazém, o curral, o hospital, a cozinha e os alojamentos serviam de ocupação para os soldados e o comandante. A manutenção de seu material bélico também servia para passar o tempo da tropa presente naquele local. A lida com o gado e com o couro era dividida entre soldados e os nativos agora escravizados. Até então não há maiores registros das atividades internas, além do que podemos supor baseado na estrutura interna e nas cartas que afirmam a retirada de cal para as Missões e para o Uruguai, conforme afirma Uessler (2006, p. 24).

No dia 28 de novembro, Rafael Pinto Bandeira, a mando do general João Henrique Böhn, partiu com cerca de seiscentos homens em direção a Santa Tecla. O Forte, que era extremamente preparado para conter invasões, já estava esperando a chegada portuguesa. Enquanto os lusos cercavam o Forte, receberam um ataque surpresa, porém, sem sucesso. Logo responderam ao ataque, mas também sem êxito. Assim nasceu a primeira carta de Pinto Bandeira a Ramirez, explicando o cerco, conforme Taborda transcreveu em seu artigo de 1973:

“[...]as hostilidades manifestadas e contínuas, que tem recebido os Povos Portuguezes do Rio Grande, apoiados às desta parte, principalmente pela Trincheira que V.M. comanda e que contra todos os direitos e concordatas novamente construíram, sem embargo de serem requeridos para o não fazer, me trouxeram a mim por estas partes com um corpo de Tropas tão respeitável e numeroso, como V. Exca. vê, afim de tomar satisfação de taes procedimentos, usando das leis de represália, sem passar da defensiva, haja de entregar-se-me com a guarnição que está a suas ordens no preciso termo de doze horas [...] espero V.M. execute, suposto conhece não ter guarnição, nem estar em Trincheiras de fazer outro ajuste. Caso não se entreguem, teremos que passar sua guarnição a ferro e fogo, segundo as leis” (“Carta de Rafael Pinto Bandeira a Dom Luiz Ramirez” in TABORDA, 1973, p. 08).

Tanto o artigo de Taborda quanto as cartas de Rafael Pinto Bandeira e Dom Luiz Ramirez serão disponibilizadas gratuitamente no sitio eletrônico para facilitar a pesquisa dos profissionais interessados no tema.

Imagem 27 – Ponte de entrada do Forte Santa Tecla

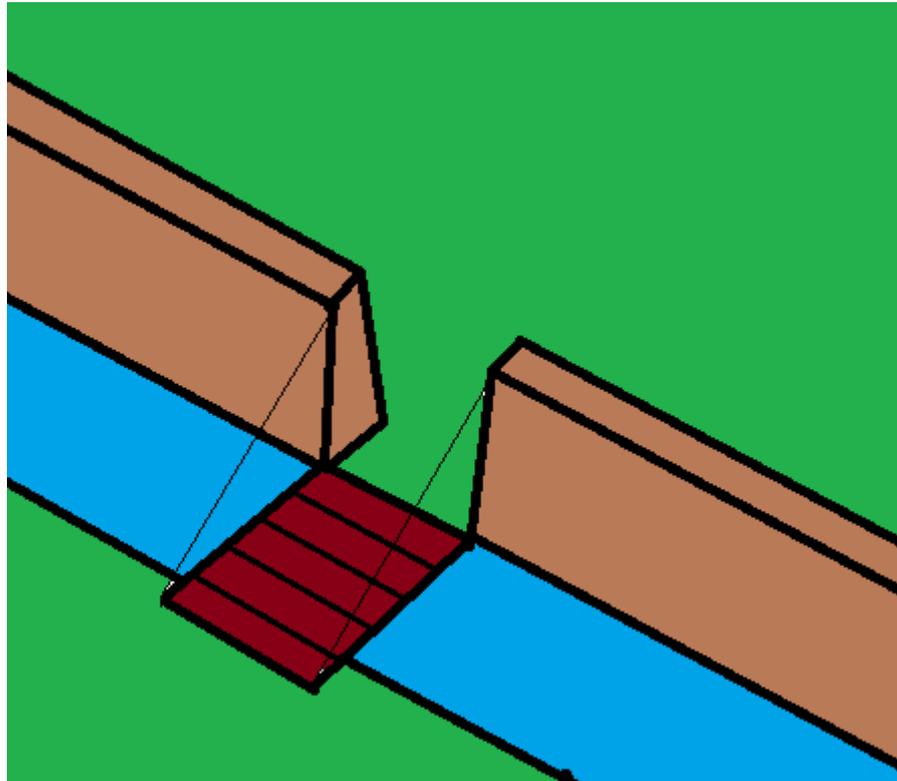


Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h30min

Também serão disponibilizados no sitio eletrônico vídeos e fotos como as que descreveremos abaixo que fizemos este ano em visita ao local.

A imagem dezoito retrata atualmente a ponte de entrada do Forte Santa Tecla onde havia uma porta elevadiça que levava do interior do forte ao outro lado do fosso que rodeava a fortaleza, conforme podemos imaginar de acordo com a ilustração da imagem vinte. Ali havia um portão de socorro e de sortida, junto ao portão com ponte.

Imagem 28 – Ilustração explicativa da ponte de entrada do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h35min

Como fora dito em citação, o fosso que rodeava a fortificação possuía cerca de nove metros de largura e dois metros e meio de profundidade. Possivelmente em épocas chuvosas acumulava água, conforme retrata a ilustração acima e como se encontra hoje inundado devido as últimas chuvas neste março de 2019. O fosso principal da frente norte onde a ponte elevadiça era içada possui cerca de dezesseis metros de largura, maior que, por exemplo, o lado oeste que fica entre os baluartes São Miguel e Santo Agostinho e possui hoje cerca de dez metros e meio. A profundidade atualmente é menor do que deveria ser quando foi construído, onde atinge cerca de um metro e meio nos dias de hoje, o que é um processo natural levando em consideração as ações do tempo nestes últimos duzentos e quarenta e cinco anos.

Apesar da vegetação alta dificultar de certa forma a visualização do Forte nas imagens, é possível verificar que a área central é mais baixa cerca de quatro metros que a do portão de entrada e dos baluartes, fato que se comprova através do levantamento topográfico feito na região em 2010, levantamento esse que também estará disponível no sitio eletrônico.

As imagens vinte e vinte e dois foram feitas em um período que o exército havia feito limpeza no sítio, dando uma melhor visibilidade as suas antigas estruturas, apesar de essa atividade desempenhada pelos militares ser bastante danosa para as fundações do local.

Uma curiosidade é que se criaram muitos mitos em relação ao sítio arqueológico do Forte Santa Tecla. Muitas pessoas acreditam que haveria ainda por lá metais preciosos e outros objetos de valor enterrados. Estas lendas motivam pessoas a, indevidamente, frequentemente escavarem a localidade, sem autorização governamental e sem o mínimo de cuidados que se tem em uma escavação arqueológica.

Vizinhos alegam que estas intervenções indevidas são freqüentes e feitas muitas vezes por “pessoas influentes” na cidade. Uma vizinha que preferiu não ser identificada relata que inclusive tira fotos destes “escavadores aventureiros” sem que percebam com a intenção de fazer uma denuncia anônima.

Aos finais de semana algumas famílias freqüentam a localidade como uma espécie de chimarródromo, quando a vegetação está baixa, levando crianças para brincar e correr pela volta do que restou da fortificação. Muitas delas relatam que sabem que estão no local correto mas não compreendem muito onde estão pisando pela falta de informações sobre o sítio e da existência de um mapa ou placas que sinalizem seus pontos de referência.

Outra situação inusitada que ocorre no local é a utilização do sitio como pastagem de animais pertencentes a moradores da região que levam seus cavalos e gado para se alimentarem da vegetação existente no sítio.

Próximo dali há uma antiga escola rural abandonada que hoje serve de moradia para uma família que ficou “encarregada”, ainda nos anos 1990, de vigiar o Forte Santa Tecla em troca do teto para viver, família essa que também possui animais que pastam no sítio e bebem do açude existente ao lado da fortificação.

Imagem 29 – Foto do fosso ao lado oeste da ponte de entrada do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Outra estrutura importante a ser analisada é o açude que fica cerca de cem metros do centro do Forte Santa Tecla, medindo cento e dez metros de largura por cinquenta e cinco metros de comprimento, conforme mostra a imagem vinte e três. Essa formação não natural acompanha a história do forte desde que fora fundado, o que indica que possivelmente tenha sido construído também com fins estratégicos no mesmo período. Servia de fonte aquífera para os habitantes do forte e os animais que ali criavam nos currais.

O Baluarte de São Miguel, o mais alto deles, hoje medindo trezentos e trinta e sete metros em relação a altura do mar (e possivelmente fosse de maior elevação, se levarmos em consideração as ações do tempo nestes duzentos e quarenta e cinco anos que se passaram desde a sua fundação), enquanto a área central do forte mede trezentos e trinta e dois metros, fica a noroeste do centro do forte, está retratado na imagem vinte e quatro. Abrigava um canhão que hoje faz parte do acervo do Museu Dom Diogo de Sousa. A sudeste, descendo em direção ao centro, ficavam um do corpos da guarda, que serviam de controle de entrada e saída, e a casa do comandante Dom Luiz Ramirez. A sudoeste uma das cozinhas e um dos quartéis da tropa, que serviam também para guardar as carretas dos canhões. Do

outro lado do fosso, entre os baluartes São Miguel e Santo Agostinho, ficava um curral maior que o presente no centro da fortificação.

Imagem 30 – Açude ao lado leste do Forte Santa Tecla



Fonte: Google Maps. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 31 – Baluarte de São Miguel do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

O Baluarte de São João Batista, que mede hoje trezentos e trinta e seis metros em relação a altura do mar, portanto um metro mais baixo que o de São Miguel (reiterando, nos dias de hoje, após sofrer as ações do tempo), servia de guarita para observar a região nordeste da fortificação. Ao seu sudoeste estava a casa do Tenente Coronel – Engenheiro e um dos corpos da guarda. Ao seu sudeste uma das cozinhas e outro dos quartéis da tropa.

Imagem 32 – Baluarte de São João Batista do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

O Baluarte de São José, na região sudeste do forte, atualmente de mesma altura do Baluarte São João Batista, guardava as fronteiras com o Uruguai e possibilitava a visão da mata existente na ribanceira abaixo. Atrás dele ficavam o armazém, onde os suprimentos era abrigados, mais uma das cozinhas e mais um dos quartéis da tropa.

Entre o Baluarte de São José e o meio Baluarte de São Francisco ficava a ribanceira que, possivelmente, era protegida por um muro de pedras, pois, ribanceira abaixo existem pedras que podem ter sido roladas pelos portugueses na destruição do forte, bem como fundações que ali são visíveis sem a necessidade de prospecção. Nessa distância entre o baluarte e o meio baluarte, que possui cerca de

oitenta metros, estavam mais duas cozinhas, a igreja e os dois poços que ainda existem no local.

Imagem 33 – Baluarte de São José do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

O meio Baluarte de São Francisco era o mais baixo e ficava ao sul do Forte. Hoje mede cerca de trezentos e trinta e cinco metros em relação a altura do mar. Atrás dele mais uma cozinha e a Igreja.

O Baluarte de Santo Agostinho, de mesma altura do Baluarte de São Miguel, guardava as fronteiras do sudoeste da fortificação. Possuía também um canhão e atrás dele estavam mais um dos quartéis da tropa e o Hospital que atendia os enfermos, tanto do forte, quanto os que eram trazidos das investidas espanholas naquela fronteira não bem definida.

O Museu Patrício Corrêa da Câmara, distante cerca de duzentos e quarenta metros do centro do Forte Santa Tecla, construído naquela área nos anos 1970, mede quinze metros e noventa centímetros por dez metros e quarenta e cinco centímetros. No interior da fortaleza caberiam pelo menos vinte museus iguais a este, para que se tenha uma certa noção da área em que haviam tais construções descritas nas linhas anteriores.

Imagem 34 – Baluarte de São Francisco do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 35 – Baluarte de Santo Agostinho do Forte Santa Tecla



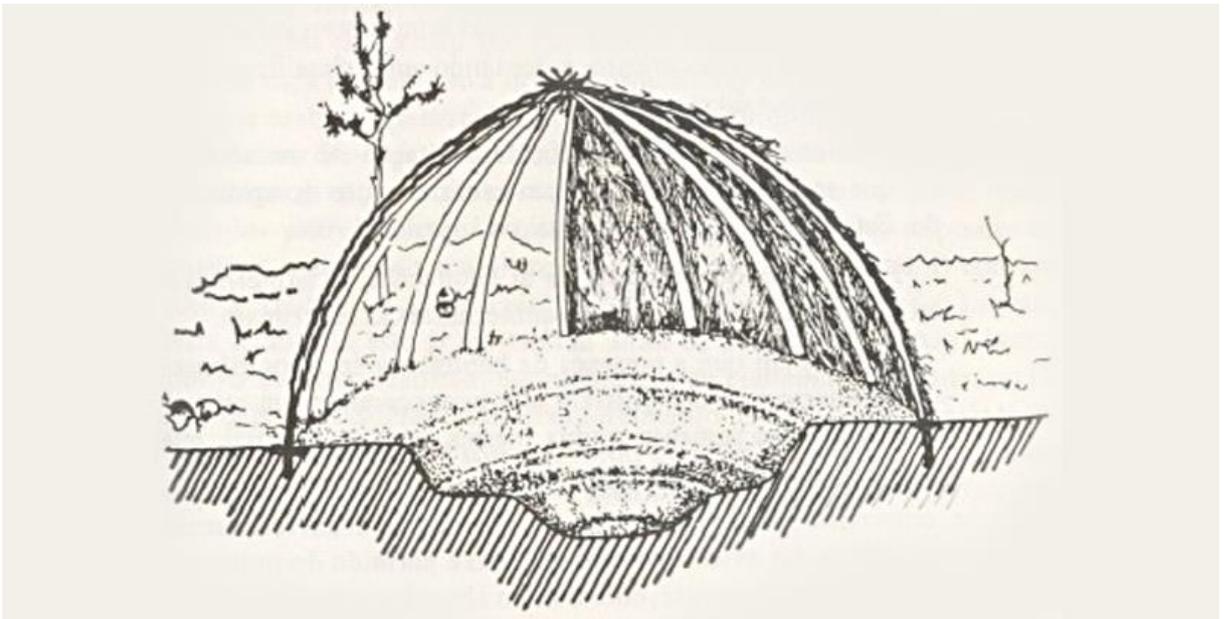
Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Hoje a ribanceira entre os baluartes São José e São Francisco possui duas trilhas que possibilitam a decida até a parte mais baixa, com trinta metros de

diferença em relação altura do centro da fortificação. Nesta área mais baixa há diversos vestígios de passagem humana por ali como mostram as imagens a seguir. Paredes de rochas com sinais de extração. Rochas claramente cortadas a mão e que possivelmente faziam parte das fundações e muros da antiga fortificação.

O mais revelador destas descobertas seria um assentamento indígena circular (imagem trinta) possivelmente usado pelos nativos da localidade para se abrigar das intempéries, semelhante ao da imagem vinte e nove feito por arqueólogos da USP (QUINTO, 2016, p. 1), que seria o mesmo modelo dos vestígios existentes no Forte Santa Tecla.

Imagem 36 – Abrigo indígena semelhante ao vestígio existente na ribanceira abaixo do Forte Santa Tecla



Fonte: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-exatas-e-da-terra/arqueologos-reconstituem-trajetorias-e-costumes-dos-povos-je-no-sul-do-brasil/>. Acesso em: 03/04/2019 às 3:46

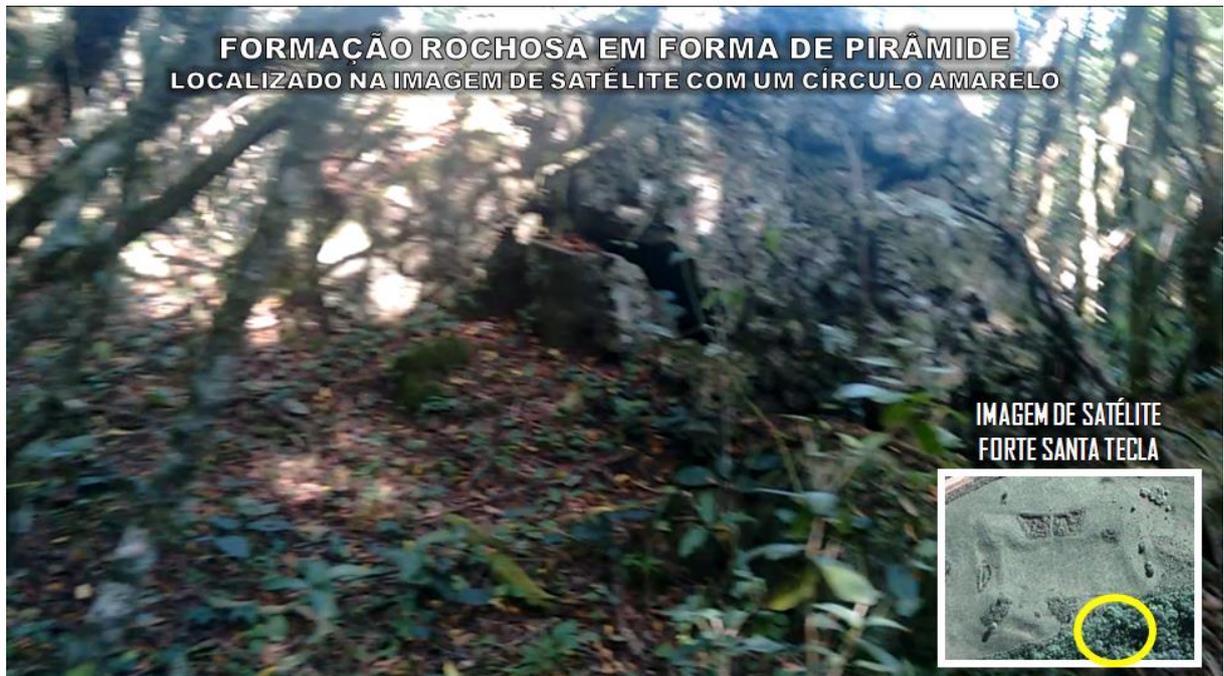
Também mereceria a atenção de arqueólogos uma rocha de cerca de dois metros de altura com base de mesmo tamanho em formato de pirâmide (imagem trinta e um) próxima do possível assentamento, cerca de quinze metros. Ela possui algumas cavidades que hoje estão tomadas por vegetações e é perigoso analisá-la sem material adequado dada a existência em abundância na região de animais peçonhentos como as serpentes cruzeiras.

Imagem 37 – Foto do possível assentamento indígena circular na ribanceira do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 38 – Foto da rocha em formato de pirâmide na ribanceira do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Como já citamos anteriormente, esse material e todas estas informações estarão disponíveis no sítio eletrônico e através deles também é intenção atrair e buscar profissionais interessados em fazer pesquisas históricas e de campo no sítio arqueológico do Forte, dada a necessidade de aprimorar o conhecimento de todos sobre esta temática, não só de nós profissionais, mas, também, de curiosos interessados em saber cada vez mais sobre essa importante parte da história do Rio Grande do Sul, Brasil e América.

Imagem 39 – Trilha de acesso a ribanceira do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 40 – Descida da trilha de acesso a ribanceira do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 41 – Parede rochosa com sinais de extração na ribanceira do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 42 – Rochas extraídas pelos espanhóis e nativos na ribanceira do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 43 – Mais exemplares das rochas extraídas na ribanceira do Forte Santa Tecla



Fonte: Disponível no sítio www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 44 – Rochas maiores que teriam sido roladas ribanceira abaixo pelos portugueses no Forte Santa Tecla



Fonte: Disponível no sítio www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 45 – Rochas extraídas pelos espanhóis e nativos na ribanceira do Forte Santa Tecla disponível no sítio



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

Imagem 46 – Rochas que seriam das fundações extraídas pelos espanhóis e nativos na ribanceira do Forte Santa Tecla



Fonte: www.fortesantatecla.wixsite.com/inicio/mapas-e-imagens. Acesso em 31/03/2019 às 20h37min

O Forte foi tomado a primeira vez em 1776, como foi citado anteriormente, pelos dragões de Rio Pardo liderados por Rafael Pinto Bandeira. Na carta de rendição de Dom Luiz Ramírez, fica claro que tudo que era de valor e aqueles que viviam no Forte, fossem soldados, fossem prisioneiros, foram levados para Montevideu, conforme se verifica abaixo:

“Preposiciones debajo de las quales se procedera a La entrega Del Fuerte de Santa tecla, pertenciente a S.M.C. por El Capitan de Regimiento de Infanteria Dom Luiz Ramirez Comte. De El, em consideracion a La bigorosa defensa que em El termino de viente e sete dias tengo experimentado, y resitado con lãs Tropas, que me acompañam: se Le concede lós Capitúlos seguintes:

1 – Que a todos lós abitantes des sitiado Furte se lês concede La vida, permitiendoles salir con La Tropa de El, y llevar sus oyectos.

2 – Que toda La Tropa, de que se compne La guarnicion gosara de lãs honras de guerra, saliendo libre, por La puerta Del Fuerte El dia que se señalare com todas sus armas, viente cartuchos cada uno, Tambor batiente, Bandera desplegada, mecha ensendido y una granada de mano cada soldado.

3 – Que todos lós equipages, y abios de lós oficiales como de lós soldados dela guarnision, será permitido a estos llevarlo consigo; para cuyo efecto se levantarán lãs seis carretas, que existen em este Fuerte, dandoseles por parte de S.M.F. La boyada correspondiente, como asi mismo vagages a

toda La Tropa, para efectuar su marcha a Monte Video, preveniendo que de lãs seis carretas uma sea cubierta, no siendo licito, ni permitido por ningun pretexto registrar ló que embarca em ellas.

4 – Tambien se dará vagages a todos lós basallos de S.M.C. assi hombres, mujeres y muchachos, que se hallaren em este Fuerte, para transportar-se unidos com La guarnision, sin que aya outro destino, sino Monte Video.

5 – Para poderse verificar La marcha de La tropa de La Guarnision, y demas Basallos de S.M.C. se lês dará escolta afin de evitar toda hostilidad por El camino, praticandose ló mas cômodo, y corto, asistiendoles diariamente com La carne regular hasta parase, que se alle ganado.

6 – Que lós enfermos y heridos, que no puderen seguir La marcha, seran tratados como si fuessem Basallos de S.M.F. siendoles permitido emprender y executar para lós domínios de S.M.C. em esta America dandoles para conseguirlo lós passaportes, y auxílios necessários.

7 – Sera permitido a La guarnision llevar consigo La pieza que se halla em El baluarte de San Juan montada em su carreta con sus armas correspondientes a diez tiros dobles de pólvora, y lós mas de metralla, y bala, lós pedreros Del calibre de médio com iguales circunstancias, fasilitandose lós bueyes precisos para tirarlos expressados cañones.

8 – Que La Tropa y Basallos de S.M.C, que estavam destinados al servicio deste Fuerte e estaban echos prisioneros se bolveran escoltados a Monte Video.

9 – No se interpretara ningun articulo de esta capitulacion ni se Dara sentido que no sea natural. Y em caso de Duda se entendera siempre a favor de La guarnision y basallos de S.M.C.

10 – Se permitirá luego que puede asegurada em La signatura despachar chasques al gobernador de lós Pueblos de Misiones afin de haserle suspender lós auslios, que tônia determinado sobre La defensa de esta Fortaleza; Y em caso de que El aviso no llegue a tiempo, y fuesen abidos por lãs Tropas de S.M.F. despues Del concordacto, seran debueltos de Buena Fé, sucediendo ló mismo com lós demás socorros que por qualquier parte Le quedan a este Puesto.

11 – Que Luego se efectue esta capitulacion sesara toda hostilidad por ambas as partes, y si hasta El dia viente y nueble Del presente mez no fuere socorrido este Fuerte por parte de S.M.C. se entregara a lãs tropas de S.M.F. y quedará em su fuerça, y bigor esta capitulacion: Previniendose ambas partes um oficial, para que de buena fé, se forme El ibentário de lãs municiones, atrillaria, petrechos, y lós demás que en El existe, cuio documento autorizado se me entregará” (“Proposições que D. Luiz Ramirez ebvuiy a Rafael Pinto Bandeira afim de proceder a capitulação do Forte Santa Tecla” in TABORDA, 1973, p. 11).

Em 1777, com a assinatura do Tratado de Santo Ildefonso, novamente foi reconstruído o Forte Santa Tecla, a mando do Vice-Rei da Prata, Pedro de Cevallos, que nomeou Miguel Texada como comandante da fortificação que terminou de ser reparada em 1778, quando novamente entrou em atividade. Porém, esta nova estrutura reconstruída na localidade não chegou ao patamar em que era em 1774,

tampouco abrigou tantas pessoas como antes, e muito menos teve a preocupação que tinha em se proteger para cumprir os interesses de Vertiz y Salcedo, naquela época. Essa nova fase que durou entre 1778 e 1801 foi bastante mais tranqüila durante estes vinte e três anos em que existiu. Não há registros ou relatos de batalhas, guerras ou quaisquer desavenças naquele local. Os registros apontam duas funções importantes para tal fortificação: criar e fornecer gado, controlar o contrabando de bovinos na região e fornecer cal para os territórios espanhóis na América, conforme podemos compreender nos registros abaixo:

En 1793 se compraron para la obra de La iglesia del Pueblo de San Miguel 5000 fanegas de cal (alrededor de 180.300 kg) para abastecer la obra de recomposición del edificio, que vênia de una cantera a Santa Tecla (LEVINTON, 2010, p. 59).

E também:

A única utilidade que alucina aos espanhóis para se conservar o dito forte, se reduz a impedir os contrabandos das inumeráveis cabeças de gado vacum de que abundam aquelas grandes campanhas. (Ofício de 20 de Agosto de 1789. RIHGB. Rio de Janeiro: Tomo IV, 1842, p. 7-9).

A reconquista do Forte Santa Tecla pelos portugueses é um tanto quanto confusa porque se dá no contexto do fim da Guerra das Laranjas e na assinatura do Tratado de Badajoz. O Tratado foi assinado em 6 de junho de 1801. O Forte foi tomado no mesmo mês. No entanto, foi um dos únicos que ainda não havia sido abandonado pelos habitantes quando uma série de invasões portuguesas em territórios espanhóis no Rio Grande do Sul neste período ocorreram neste mesmo mês. Presume-se que não houve resistência alguma por parte das tropas de Miguel Texada, até porque não há registros de algo neste sentido ter ocorrido, visto que possivelmente já sabiam da assinatura do Tratado de Badajoz que determinava que aquele território agora pertencia a Portugal e não mais a Espanha.

3.3 CONSIDERAÇÕES ACERCA DA ESTÂNCIA E DO FORTE COMO PATRIMÔNIO

Para compreendermos nosso objeto de levantamento historiográfico como patrimônio é preciso discorrer sobre tal conceito e outros que estão diretamente interligados. Esta abordagem ganhará uma sessão no sítio.

Temos por patrimônio algo que não pode ser eremítico, sem ter ligação a algo ou alguém, pois, representa uma gama de bens materiais ou imateriais que tem algo a dizer sobre uma sociedade ou o ambiente no qual está inserido. Ele está diretamente conectado a nós ou aos membros pertencentes a este contexto, sendo hereditário. Ele precisa atender a características que são ligadas ao interesse público e possuir um valor histórico, arqueológico, etnográfico, artístico, etc.

Possamai¹ em seu artigo "O Patrimônio em construção e o conhecimento histórico" expõe o campo do patrimônio e sua problemática axiológica, levando neste sentido a visão do mesmo como representação social. Para ela o campo do patrimônio se define como "um sistema de relações objetivas entre os agentes sociais encarregados das tarefas práticas e simbólicas ligadas ao tombamento e preservação de bens culturais".

O patrimônio pode tomar diversas formas, ser material (físico) ou imaterial, sendo histórico, cultural ou ambiental.

O patrimônio histórico, seguindo a linha de pensamento de CHOAY², é um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou. É o acúmulo de uma diversidade de objetos e produtos dos saberes do homem. Requer um questionamento por ser um elemento revelador, negligenciado mas brilhante, de uma sociedade ou das questões que ela encerra. Patrimônio e monumento são diferentes, pois, monumento remete a lembrar ou advertir a lembrança de algo, tocar uma memória viva. Constitui a garantia das origens e dissolve a incerteza dos começos.

Ainda sobre o patrimônio histórico, podemos constatar que ele conta a história através da arquitetura, objetos, meios de transporte, arte ou documentos. Seguindo o pensamento de Le Goff³, as discussões em sua forma científica se dão através de

¹ Revista FAPA. Ed. nº 27. Porto Alegre – RS. Pg. 13/24. Cap. O Patrimônio em construção e o conhecimento histórico. Por POSSAMAI, Zita.

² CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

³ LE GOFF, Jacques. História e Memória. SP – Ed. Unicamp, 2003. Cap.: Documento/monumento. Pg. 541.

dois tipos de materiais: documentos (escolha do historiador) e monumentos (herança do passado), diretamente ligados ao patrimônio de uma sociedade. Perceba que estamos falando de documentos como uma testemunha de um fato ocorrido, pois, documentos podem ter diversas formas além da que nos vem direto em mente. Os dois agentes de ambos que no caso dos documentos seriam, em primeiro plano, os cientistas do passado, os historiadores, que se dedicam a pesquisar e documentar seus projetos. No caso dos Monumentos, seriam as “forças” que operam ou governam no desenvolvimento temporal do mundo e da humanidade.

Até a década de 1970 o patrimônio histórico era elitista/político. Após 1980 passou a considerar outras etnias e classes, se tornando mais popularizado e cumprindo melhor seu papel que é o da identidade histórica de uma sociedade, o da memória coletiva e não voltado a pequenos grupos somente.

Menezes⁴ coloca que a efervescência da memória possui três palavras chave: “resgate”, “recuperação” e “preservação”, sendo todas de essência frágil que necessitam de cuidados para não deteriorar ou perder uma substância já existente, o que se aplica também ao patrimônio, agente da memória. Esta tanto como prática, como representação, está viva e atuante entre nós, porém, seu status é extremamente problemático, uma verdadeira crise da memória na sociedade ocidental.

Já os patrimônios ambiental ou natural remetem a relação do homem com o ambiente, fauna e flora. Têm conexão com a interação humana e os modos em que podem interferir em seu cotidiano.

Por último o patrimônio cultural vai além, composto por bens materiais e imaterias que de alguma forma estão ligados a história de um povo através de seus cultos, festas, linguagens, culinária e outros costumes. Busca identificar as pessoas com a história do objeto, interligando sua relação. Utiliza de diversas ferramentas e ciências auxiliares para identificar esses bens como a História, Arte, Arqueologia, Arquitetura e outras. Ele inclui também outras manifestações como espirituais ou o próprio meio ambiente.

A estância de Santa Tecla, apesar de ser um importantíssimo patrimônio da América, não é tombada por nenhum órgão patrimonial brasileiro. Ela se encaixaria

⁴ SILVA, Zélia L. (organizadora). Arquivos Patrimônio e Memória: Trajetórias e Perspectivas. SP – Ed. UNESP. Cap. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. Por Menezes, Ulpiano.

em diversas formas importantes de patrimônio, considerando as atividades culturais e econômicas desenvolvidas por seus habitantes, legado esse deixado para as gerações posteriores, não só em relação a genética, mas também ao gado que fora implantado por eles, além de ser o primeiro passo para a ocupação definitiva da região que dará origem a Bagé um século depois. Suas fundações ainda existentes no local e a caleira devem ser motivo de estudos acerca de se tornarem bem patrimonial registrado.

Já o Forte Santa Tecla teve seu processo de tombamento iniciado no ano de 1948 e se encontra na relação de bens tombados pelo IPHAN com o número de processo 392, desde 1970. Tem registrado como patrimônio suas fundações, consideradas um bem material arqueológico, etnológico e paisagístico da região.

Esse processo de tombamento do Forte Santa Tecla faz com que hoje exista um impasse na questão da administração e aproveitamento do sítio arqueológico da fortaleza. Quanto a estância, por não haver nenhuma proteção governamental e ainda por cima estar em terras pertencentes a particulares, não há nenhum projeto ou qualquer tipo de pensamento em relação a administração pública de tomar qualquer tipo de providência para sua manutenção ou aproveitamento do sítio. A estância é totalmente ignorada pelo poder público local, e parece que pelo proprietário das terras onde se encontra também.

Em 2010, como já foi comentado, o IPHAN passou a pressionar a prefeitura em relação ao aproveitamento do sítio arqueológico do Forte Santa Tecla, que caso não tomasse providências perderia a propriedade daquela localidade. Antes era concedida a administração do local à Universidade da Região da Campanha, a URCAMP, que também administrava o museu Patrício Corrêa da Câmara, localizado ao lado do sítio arqueológico.

Um projeto de construção de um parque no local, aos moldes de um projeto que já havia existido nos anos 1980, passou a ser pensado pela Secretaria de Planejamento da Prefeitura de Bagé. O IPHAN, na época, delimitou um valor de um milhão de reais para ser utilizado nesta obra, caso fosse aprovada.

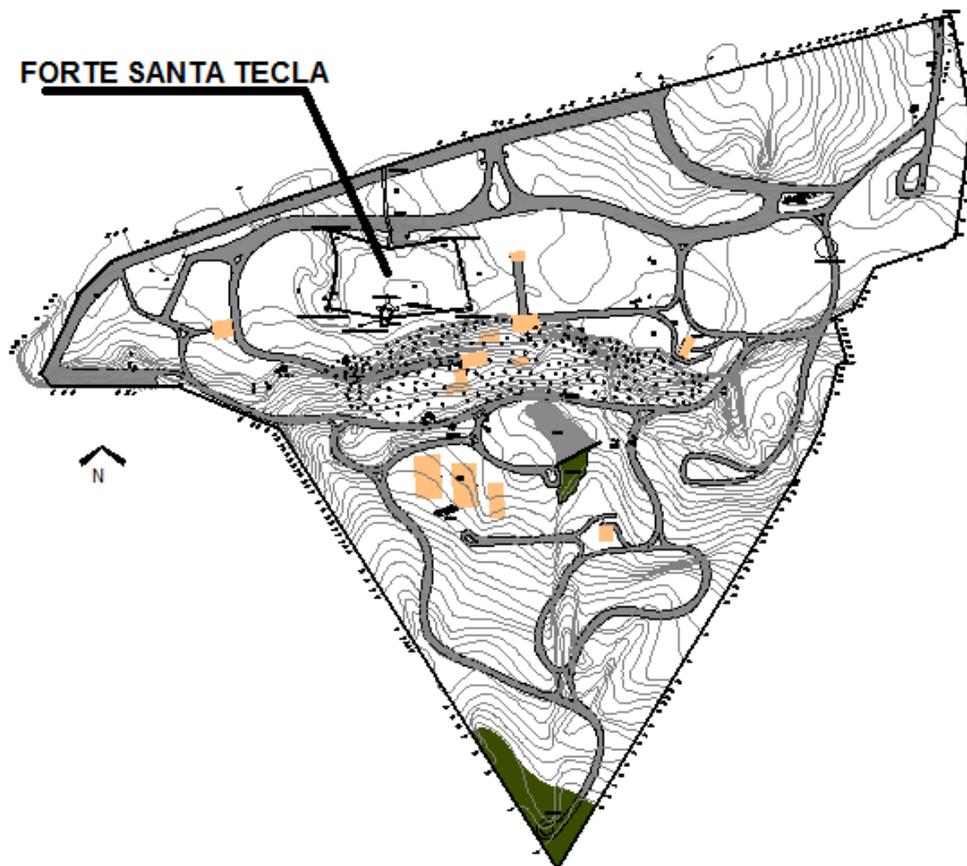
Uma equipe multidisciplinar pensou diversas estruturas para serem colocadas e construídas na localidade como um chimarródromo (já que as pessoas já fazem isso no local), um camping municipal na parte baixa da área que forma um triângulo de cerca de 247.685,5 m², totalizando todo o terreno pertencente a prefeitura onde o Forte se localiza na parte centro-noroeste.

Também foi pensado neste novo projeto a construção de um mirante que ficaria em cima do museu Patrício Corrêa da Câmara que possibilitaria a visão não só das fronteiras, mas, também de uma passarela de madeira que seria construída exatamente em cima de onde era o forte. Uma reconstrução da fortificação em menor escala também poderia ser vista do mirante ao lado. Na imagem quarenta e sete, que mostra o levantamento topográfico, estão desenhados os caminhos de trilhas que também seriam abertas no terreno e que levariam às novas estruturas.

A construção de um novo e maior museu ao oeste do forte seria também para guardar um maior acervo do que o que possuía o antigo localizado ao lado leste.

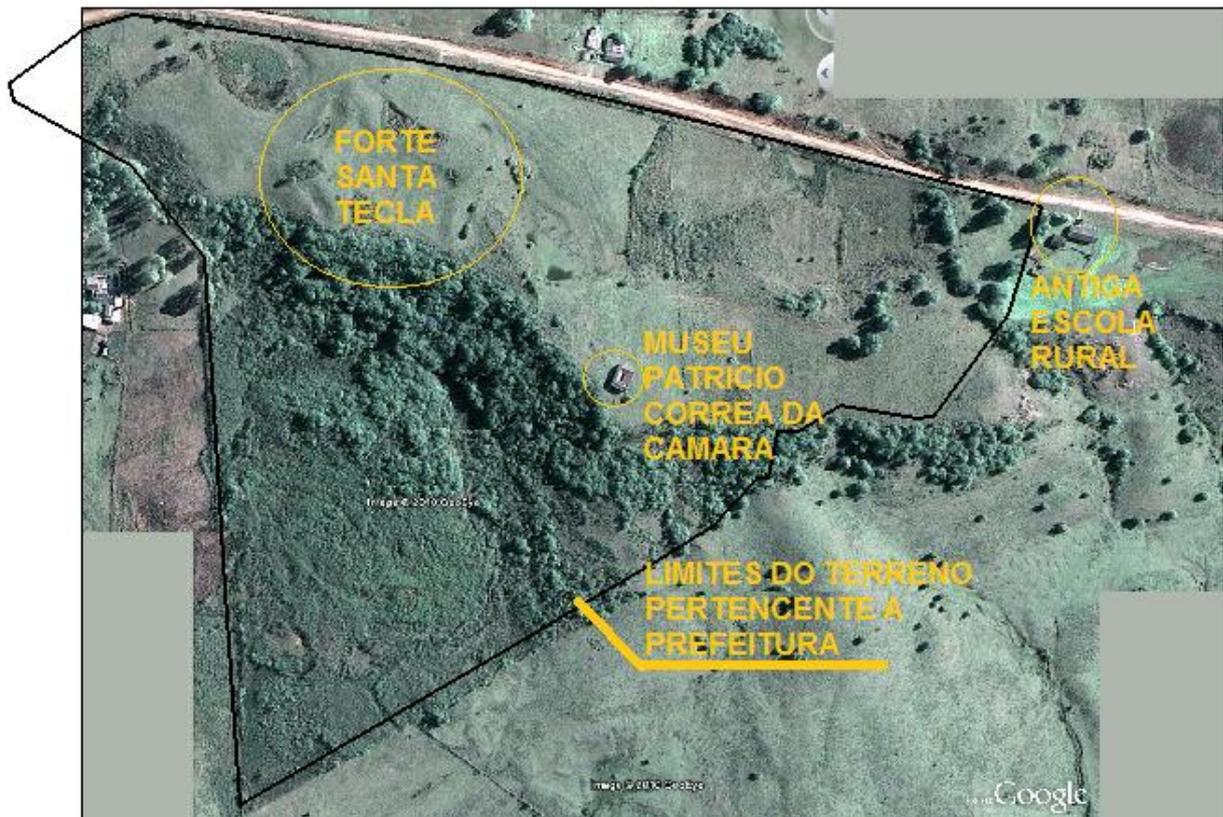
Além disso, edificações como um mini zoológico de animais da região, com o intuito de cuidar de animais que estivessem enfermos, alojamentos para cientistas que quisessem estudar a área e outras idéias surgiram neste novo projeto que ainda é levado adiante por uma arquiteta da prefeitura até os dias de hoje.

Imagem 47 – Levantamento topográfico do terreno pertencente a Prefeitura Municipal de Bagé onde encontra-se o Forte Santa Tecla



No entanto, houveram diversas críticas ao projeto por desrespeitar arqueologicamente o sítio. Além disso o IPHAN não estaria disponibilizando mais a verba para tal projeto, o que vem sendo contestado pela prefeitura e pela arquiteta responsável.

Imagem 48 – Demarcação do terreno onde encontra-se o Forte Santa Tecla em imagem de satélite



Fonte: Arquivo pessoal de Ivan Cesar dos Santos Pinheiro

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O produto final apresentado aqui para a obtenção do título de mestre em Patrimônio Cultural na área de História e Patrimônio vem ao encontro desse interesse pessoal e público de popularizar a história de Santa Tecla, desde a estância até a construção do Forte, tornando estes objetos palpáveis para cientistas, educadores e educandos de todas as partes do Brasil e do mundo. Este website virá como uma chave para esse processo, não só no intuito de facilitar a pesquisa sobre essa importante parte da história do Rio Grande do Sul e da América para pesquisadores do mundo inteiro, como também para transformá-lo em um material didático de acesso gratuito para universidades e escolas da educação básica onde se trabalha a história de Bagé e do Rio Grande do Sul, o que é um marco importantíssimo para a educação e o ensino de História. Como fora dito anteriormente, o Forte foi peça chave para a delimitação do atual território sul-riograndense, o que o torna de suma importância para os estudos da história do nosso Estado, do nosso país e do nosso continente. Curiosos, pesquisadores, docentes e discentes terão acesso gratuito e irrestrito, poderão comentar de forma pública para ajudar a aprimorar cada vez mais essa importante ferramenta que sem dúvidas constituirá um marco no ensino de história e que o qualifica e muito bem como qualifica o local e a região também atingindo o mundo inteiro possibilitando pessoas de diferentes nacionalidades conhecerem estes objetos da pesquisa. Este projeto, portanto, é um início importantíssimo para Santa Tecla e será peça chave para a divulgação e perpetuação de sua história, impulsionando para o mundo e dando uma merecida visibilidade.

Como já citamos anteriormente, Pedagogicamente este projeto consiste numa formação continuada onde também será de suma importância a opinião dos docentes que passarem a colher material nesta ferramenta online.

Na educação hoje, pesquisas comprovam que a utilização de smartphones e computadores aceleraram e dinamizaram o processo de educação. Segundo o Comitê Gestor da Internet no Brasil, 91% das crianças e adolescentes utilizam essas ferramentas para acessar a internet. Cada vez mais cedo crianças são vistas com estes aparelhos e conectadas na rede mundial. Entre os adultos o número só cresce, apesar de claramente alguns terem maior dificuldade de compreender o funcionamento dos aparelhos e da internet. Essa tese é reforçada por Thompson

que discorre sobre a existência de pessoas que sempre se interessaram por cultura e pela retenção de informações recebidas, assim como existem pessoas que se interessam por conteúdos menos ricos em informação, mas, com a internet ambos os grupos tem acesso instantâneo a informação, facilitando o aprendizado e também criando atalhos para o armazenamento dessas informações e a forma de encontrá-los em caso de reafirmar um ponto de vista, tudo dependendo da forma como as pessoas utilizam.

Pensando em dinamizar o aprendizado sobre as questões relacionadas ao nosso objeto de pesquisa bem como facilitar o acesso às informações necessárias de forma gratuita e irrestrita é que se construiu o projeto da confecção do sitio eletrônico em questão. Não só o conteúdo textual e gráfico, mas também jogos e material de entretenimento estarão disponíveis para os visitantes. Esse tipo de atividade traz também uma rotina diferente para os docentes que estão acostumados a sentar em classes enfileiradas e copiar enormes textos no quadro. Para muitos especialistas esses são fatores que vem tornando a escola cada vez menos atrativas para os jovens, explicando muitas vezes atitudes indesejadas por parte deles. Jogos e materiais diferentes são uma ótima alternativa para quebrar a "mesmice" por vezes, pois, comprovadamente fazem os alunos participarem mais da aula, interagir entre si e também formam uma nova perspectiva de aprendizado para aqueles que tem dificuldade de aprender da forma que é trabalhado em aula o conteúdo normalmente. Muitas escolas já vem adotando a ludicidade através de jogos como parte do currículo e tendo este material pronto em um website como é nosso propósito, facilitará muito a vida de docentes e discentes. Também é de fundamental importância que docentes que criarem novos materiais ou jogos sobre o tema enviem pelo próprio site através da aba contato suas criações para que enriqueça o conteúdo disponibilizado, tornando democrático, rico, moderno, mais atrativo e até interdisciplinar o nosso projeto que tem o propósito de ser público e atender as demandas da população acadêmica e escolar, não só do Brasil, mas do mundo inteiro.

O Forte foi tombado na categoria de Tombamento Patrimônio Histórico Nacional, presente no Livro Histórico com Inscrição de número:430, data: 26-11-1970 e Número de Processo: 0392-T-48, para consulta. Já por sua vez a estância de Santa Tecla ainda não foi tombada.

Pesquisas arqueológicas foram realizadas no sítio do Forte nos anos 1970, o que ainda não aconteceu na estância. Para executá-las foram contratados dois profissionais na tentativa desvendar os vestígios do Forte. Um deles era o Arqueólogo da Universidade de Caxias do Sul, Fernando La Salvia, e o outro era o Historiador, Engenheiro e Arquiteto, Francisco Riopardense de Macedo, ambos já falecidos. A única coisa que nos resta desta intervenção é um pequeno relatório, sem muitas informações que La Salvia enviou a Julio Nicolau De Curtis, na época diretor da 12ª secretaria do Rio Grande do Sul do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

Neste relatório, La Salvia discorre que, durante as escavações, foram encontradas as fundações do Forte, comprovando sua existência, também que, na limpeza feita nos dois poços existentes no local, foram encontrados ossos de animais, troncos, rodas de carretas maciças, uma culatra de canhão, pedaços de móveis e outros materiais menores, como cerâmicas guaranis, que reforçam nossa tese de que existiam sim nativos naquela localidade. Também foram encontrados, além dos alicerces do forte, material de construção como pregos, restos de ferro, cerâmica, louça e, raramente, descreve ele, porcelana. Boa parte deste material encontrado por La Salvia não se sabe onde foi parar. Alguns artefatos estão no Museu Dom Diogo de Souza e outros no acervo arqueológico da UCS (Universidade de Caxias do Sul).

Muitas coisas também estão em casas de pessoas que visitaram o sítio anteriormente a escavação, entre o período de fundação da cidade até os anos 1970, e levaram como objetos decorativos. Já se ouviu falar diversas vezes sobre armas, ferramentas e lanças que foram achadas no sítio e hoje enfeitam paredes em casas de particulares, impossibilitando uma análise do material.

Acreditamos, depois dos trabalhos que prestei para a prefeitura em relação ao Forte, que, fazendo uma nova intervenção arqueológica no local, será possível achar mais artefatos que talvez, até por falta de tecnologia, não tenham sido achados nos anos 1970. Também há a possibilidade de "emergir" as fundações para que fiquem bem claras para os visitantes do sítio. Quando convidei o Historiador e Arqueólogo Prof. Dr. Fábio Vergara, da Universidade Federal de Pelotas, para vir dar seu aval sobre o forte, achamos uma trilha que levava até o final da ribanceira ao sul e lá podemos enxergar pedras que provavelmente constituíram as paredes da fortaleza e que também eram roladas abaixo pelos espanhóis na tentativa de afastar invasores

e até os soldados de Pinto Bandeira, além do local de onde provavelmente eram extraídas, conforme havia explicado anteriormente nas linhas que se passaram. Ficou muito claro para nós que alguns daqueles amontoados de pedras lá existentes eram pedras que de fato faziam parte das construções, empurradas morro abaixo pelos portugueses que tomaram o local por duas vezes. Talvez tenham caído com o tempo, naturalmente, é uma possibilidade.

A esperança, ao longo das novas intervenções, no Forte e também na Estância, é, também, achar objetos dos nativos da região ou das guarnições guaraníticas que por ali passavam e em seus arredores. Esperamos que no futuro mais objetos, pedras e novas histórias sejam identificadas. Coisas que ajudem a nos fazer melhor entender as suas histórias.

Os sítios arqueológicos da Estância e do Forte de Santa Tecla são, sem dúvidas, ricos e, praticamente, inexplorados. Sua interação com a comunidade pode e deve ser feita ao longo destes projetos governamentais, devendo sempre utilizar da participação popular, ajudando voluntariamente os profissionais que ali tiverem interesse em trabalhar e o sítio eletrônico proposto nessa dissertação vem a encontro destes interesses e no de tornar popular e palpável a história e a importância do tema abordado.

REFERÊNCIAS

- BAIOTO, Rafael; QUEVEDO, Júlio. **São Miguel: A Saga do Povo Missioneiro**. 2. ed. Porto Alegre: Martins Livreiro, 2005.
- BARRETO, Aníbal (Cel.). **Fortificações no Brasil (Resumo Histórico)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1958. 368 p.
- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes: tratamento documental**. 4. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- BENTO, Cláudio Moreira. **A Guerra da Restauração do Rio Grande do Sul, 1774-1776**. [S.l.]: Biblioteca do Exército Editora, 1996.
- BOUCINHA, Cláudio. **Artigo: Sepé Tiaraju na História de Bagé: os impedimentos do posto de Santa Tecla**. Bagé: Arquivo Público Municipal, 2006.
- CANDEIAS, Nelly M. F. **República Guarani: As ruínas de São Miguel**. Disponível em: <<http://www.jbcultura.com.br/nelly/r guarani.htm>>. Acesso em: 22 dez. 2012, às 16:25.
- COSTA, Elmar Banes da; FONSECA, Ricardo; SCHMITT, Ricardo. (Coord.). **História ilustrada do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: RBS Publicações, 2004.
- DEL PRIORI, Mary; VENÂNCIO, Renato. **Uma breve história do Brasil**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil. 2010.
- FAVRE, Oscar Padrón. **Los Charruas-Minuanes en Su Etapa Final**. Montevideo: Tierra a Dentro Ediciones. 2011.
- GARRIDO, Carlos Miguez. **Fortificações do Brasil**. Separata do Vol. III dos Subsídios para a História Marítima do Brasil. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1940.
- GIORGIS, L. E. C. **O Tratado de Madri: 1750**. Disponível em: <http://www.terragaucho.com.br/tratado_de_madri.htm>. Acesso em: 21 dez. 2012, às 17h03min.
- KERN, Arno (Org.). **Arqueologia pré-histórica do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.
- KOCH, Siziane. **Rio Grande do Sul Espaço e Tempo: A Geografia e História do Nosso Estado**. Porto Alegre: Editora Ática, 2003.
- LA SALVIA, Fernando; MACEDO, Francisco R. **Relatório Sintético das Atividades Arqueológicas Realizadas no Forte de Santa Tecla**. Caxias do Sul: UCS, 1970.
- LAZZAROTTO, Danilo. **História do Rio Grande do Sul**. Ijuí: Editora Unijuí. 2010.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Ed. Unicamp, 2003. p. 541. Cap.: Documento/monumento.

LEVINTON, Roberto. **Arquitectura de las misiones jesuíticas**. Buenos Aires: AGNA, 2010.

LOPES, Cássio; LUCAS, Edgard. **Cerros de Baye: Santa Tecla, Origens de Bagé**. Bagé: Livraria e Editora Bageense, LEB, 2012.

MAEDER, Ernesto J. A.; GUTIERREZ, Ramón. **Atlas territorial y urbano de las misiones jesuíticas de guaraníes. Argentina, Paraguay y Brasil**. Sevilla: Casejaria de Cultura, 2009.

MAGALHÃES, Mario Osório. **História do Rio Grande do Sul (1626 – 1930)**. Pelotas: Editora Armazém Literário, 2002.

MUCELIN, Patrícia Carla; OLIVEIRA, Márcia Ramos de. Os blogs sob o olhar do historiador. In: RODRIGUES, R. R. (Org.). **Possibilidades da pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 223.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: A problemática dos lugares**. São Paulo: PUC, 1981.

OLIVEIRA, Nucia Alexandra Silva de; DONINI, Bárbara Brognoli. Ensino de história em sites de pesquisa escolar. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA UDESC, 25., 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: UDESC, 2015. Disponível em: <http://www1.udesc.br/arquivos/id_submenu/2264/36.pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

PEREIRA, Railane Antunes. Arquivos, Educação Patrimonial e Ensino de História: os benefícios e obstáculos dessas aproximações. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 29., 2017, Brasília. **Anais...** Brasília, DF: ANPUH, 2017. Disponível em: <https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1490652935_ARQUIVO_Arquivos,EducacaoPatrimonialeEnsinodeHistoria-osbeneficioseobstaculosdessasaproximacoes..pdf>. Acesso em: 14 ago. 2018.

PINHEIRO, Ivan Cesar dos Santos. **História do Rio Grande do Sul para Estudantes e Curiosos**. Bagé: Gráfica Instituto de Menores, 2015.

PINHEIRO, Ivan Cesar dos Santos. **Uma breve história do Forte Santa Tecla**. Bagé: Gráfica Instituto de Menores, 2015.

POSSAMAI, Zita. O Patrimônio em construção e o conhecimento histórico. **Revista FAPA**, Porto Alegre, n. 27, p. 13-24, 2000.

QUINTO, Carlos Antônio. **Arqueólogos reconstituem trajetórias e costumes dos povos Jê no Sul do Brasil**. São Paulo: Jornal da USP, 2016. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-exatas-e-da-terra/arqueologos-reconstituem-trajetorias-e-costumes-dos-povos-je-no-sul-do-brasil/>>. Acesso em: 03 abr. 2019 às 3:46.

RODRIGUES, R. R. (Org.). **Possibilidades da pesquisa em História**. São Paulo: Contexto, 2017.

- ROSA, E. G. **Descobrimento ou encobrimento: como o youtube mostra os indígenas no momento da chegada dos portugueses.** 2017. 87p. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino em História) – Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em História em Rede Nacional, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2017.
- MENESES, Ulpiano. A crise da memória, história e documento: reflexões para um tempo de transformações. In: SILVA, Zélia L. (Org.). **Arquivos Patrimônio e Memória: Trajetórias e Perspectivas.** São Paulo: Ed. UNESP, 1999.
- SOUSA, Augusto Fausto de. **Fortificações no Brasil.** Rio de Janeiro: RIHGB, 1885. Tomo XLVIII, Parte II, p. 5-140.
- SPALDING, Walter. O Forte Santa Tecla. In: CONGRESSO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA SUL RIO-GRANDENSE, 2., 1936, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Ed. Globo, 1936. v. 2, p. 265-285, (Reconstituição Plástica do Forte por Corona).
- TABORDA, Tarcísio Antônio da Costa. **Cartilha: Forte de Santa Tecla.** 2. ed. Bagé: Fundação Átilla Taborda, 1984.
- TABORDA, Tarcísio Antônio da Costa. Santa Tecla na História da Conquista do Rio Grande. **Revista O Quero-Quero,** Santa Maria, ano 1, n. 2, 1973.
- THOMPSON, Clive. **Smarter than you think: how technology is changing our minds for the better.** Londres: The Penguin Press HC, 2013.
- TORRES, L. H. **O Poente e o Nascente do Projeto Luso-Brasileiro (1763-1777).** Rio Grande: Biblos, 2008.
- UESSLER, Cláudia. **Sítios arqueológicos de assentamentos fortificados Ibero-Americanos na região Platina Oriental.** 2006. Orientador: Prof. Dr. Arno Kern. Tese (Doutorado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.